

**Organizadores**

Matheus Trevizam

Luana Santana Lins Cerqueira

**Bucólicas,  
Calpúrnio Sículo**



Belo Horizonte

FALE/UFMG

2017

**Diretora da Faculdade de Letras**  
Graciela Inés Ravetti de Gómez

**Vice-Diretor**  
Rui Rothe-Neves

**Comissão Editorial**  
Elisa Amorim Vieira  
Emilia Mendes  
Fabio Bonfim Duarte  
Luis Alberto Brandão  
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra  
Reinildes Dias  
Sônia Queiroz

**Capa e projeto gráfico**  
Glória Campos  
(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

**Tradução**  
Luana Santana Lins Cerqueira

**Preparação de originais**  
Natalia Soares

**Diagramação**  
Katryn Rocha

**Revisão de provas**  
Bruna Honório

**ISBN**  
978-85-7758-317-1 (digital)  
978-85-7758-318-8 (impresso)

**Endereço para correspondência**  
LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG  
Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3108  
31270-901 – Belo Horizonte/MG  
Tel.: (31) 3409-6072  
*e-mail*: revisores.fale@gmail.com  
*site*: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

## Sumário

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Introdução às <i>Bucólicas</i> de Calpúrnio Sículo</b> | <b>5</b>  |
| <b>Bucólica I</b>   | <b>9</b>  |
| <b>Bucólica II</b>  | <b>21</b> |
| <b>Bucólica III</b>                                       | <b>31</b> |
| <b>Bucólica IV</b>  | <b>41</b> |
| <b>Bucólica V</b>   | <b>59</b> |
| <b>Bucólica VI</b>  | <b>71</b> |
| <b>Bucólica VII</b>                                       | <b>81</b> |
| <b>Referências</b>  | <b>91</b> |

## Introdução às *Bucólicas* de Calpúrnio Sículo

Neste volume, apresenta-se um trabalho tradutório integral sobre certo poeta não tão conhecido do público, mesmo que seja leitor de poesia antiga. Referimo-nos ao obscuro Calpúrnio Sículo, que viveu, é provável, nos tempos do imperador Nero (meados do séc. I d.C.) e compôs somente estas *Bucólicas*:

Sua identidade é discutida; relaciona-se com a família dos Calpúrnios. De origem, quiçá, siciliana, embora o *cognomen* Sículo pudesse aludir ao gênero bucólico, ali localizado desde Teócrito; outros o consideram da Bética por uma alusão de IV 37-50, mesmo que o tom pareça contradizê-lo. Também, naturalmente, questiona-se se vive na época de Nero ou é posterior, embora predomine a datação de sua obra na época neroniana.<sup>1</sup>

Sobre o gênero do bucolismo, importa observar que se trata de mais uma tipologia literária “de importação”, na verdade oriunda das Letras gregas e depois trazida a Roma, onde desfrutou das atenções de mais de um poeta. Considera-se, em geral, o helenófono Teócrito de Siracusa (séc. III-II a.C.) como o “pai” do gênero em discussão, por ter ele lançado algumas de suas bases fundamentais, a serem reiteradamente retomadas por seus epígonos.

Assim, de seus *Idílios* parece derivar toda a tradição bucólica posterior, neles se encontrando, já, a temática pastoril (embora não com exclusividade),<sup>2</sup> as situações variadas de envolvimento amoroso

<sup>1</sup> CODOÑER. *Historia de la literatura latina*, p. 471-472. Tradução do organizador.

<sup>2</sup> “Nem todos os *Idílios* são pastoris; alguns há que são *mimos*, breves imitações da vida real, em certos casos situados num ambiente citadino (por exemplo, *Idílio XV: As Siracusanas ou As mulheres na festa de Adônis*)”. (PRIETO. Dicionário de literatura grega, p. 412).

(amor pelas mulheres, pelos rapazes, correspondido ou frustrado...), a busca por meios de expressão, em aparência, não obscuros, resultando em quadros humanos bastante vívidos etc.

Nas Letras latinas, evidentemente, o representante mais destacado do bucolismo foi Virgílio (segunda metade do séc. I a.C.), também considerado o maior poeta de Roma pela tríade imbatível das *Bucólicas*, *Geórgicas* e, sobretudo, *Eneida*. A primeira obra citada desse autor corresponde a um delicado conjunto de dez poemas em hexâmetros datílicos, que se estruturam segundo os parâmetros de Teócrito: neles, assim, o poeta abordou a quietude dos campos, para os que neles permaneceram depois das perseguições políticas de fins da república romana (bucólica I, com retomada temática distinta em bucólica IX); os amores do pastor Córídon pelo belo Aléxis (bucólica II); os concursos de canto pastoril oriundos da Sicília (bucólicas III e VII); a competição entre os dotes poéticos de mais de um antagonista rústico (bucólica V, sobre Menalcas e Mopso); a chegada de uma nova Era de Ouro (bucólica IV), talvez trazida com o nascimento do filho de Asínio Polião;<sup>3</sup> uma espécie de cosmogonia mítica verbalizada pelo sátiro Sileno (bucólica VI); as diferentes “soluções” para casos passionais difíceis, aventadas por Dámon e Alfesibeu (bucólica VIII); e os amores de Cornélio Galo pela cruel Licóris (bucólica X).

Em Calpúrnio, que continua ao seu modo, em língua latina, as trilhas compositivas já percorridas por Teócrito e Virgílio, temos não dez, mas sete poemas incluídos em suas *Bucólicas*. Desses, como destacado por João Beato na introdução à sua própria tradução portuguesa desse conjunto poético,<sup>4</sup> os textos I, IV e VII revestem-se de conotações marcadamente políticas. Assim, na primeira bucólica, Córídon e Órnito, em momento de ócio à sombra de uma faia, leem um poema inscrito sobre seu tronco, o qual se pode associar a uma visão do tempo coevo como nova Era de Ouro, em evidente retomada temática de Virgílio (bucólica IV) e enaltecendo o principado de Nero;<sup>5</sup> na bucólica

IV, Amintas e, de novo, Córídon, tecem um canto celebrativo da Era presente e do jovem Imperador de Roma, tendo a qualidade de seu canto reconhecida por Melibeu; na bucólica VII, por sua vez, a derradeira de tema político no conjunto calpurniano, Córídon, indagado por Licotas sobre a causa de sua “excessiva” demora na cidade, responde-lhe ter ficado embevecido com um teatro e espetáculos instituídos em Roma pelo *princeps*, além de tecer o elogio da beleza de Nero, para ele comparável à de um Marte e de um Apolo, simultaneamente.

As demais bucólicas, de teor sobretudo “rústico”, nas palavras de Beato,<sup>6</sup> ocupam-se, respectivamente, de uma disputa poética entre Idas e Ástaco, enamorados da mesma Crócale (bucólica II); de expor a história das desavenças amorosas entre o pastor Lícidas e a bela Fílis, com a intervenção mediadora de Iolas, que se dispõe a levar a essa mulher os cantos de um amante em desespero (bucólica III); da apresentação, algo deslocada genericamente,<sup>7</sup> de uma situação de “aula” sobre a pecuária entre o moço Canto e Mícon, seu mestre (bucólica V); de descrever as discordâncias e a animosidade recíproca entre Ástilo e Lícidas, o primeiro enamorado de Pétales, o outro de Fílis (bucólica VI). Ainda merece, ao menos, menção o aspecto da calculada variabilidade formal dessas sete bucólicas calpurnianas, pois os poemas ímpares da coletânea são sempre narrativos, enquanto, nos pares, encontramos o modelo do canto amebeu,<sup>8</sup> ou diálogo alternado entre personagens.<sup>9</sup>

Sobre a contribuição desse bucólico latino para as Letras de Roma, assim se pronunciaram Gaillard e Martin:

Calpúrnio é um bom discípulo de Virgílio; seu aporte mais original ao gênero é ter introduzido o tema da grande cidade na poesia pastoril; e, se ele nada tem de um criador, destaca-se, como seu mestre, em restituir em algumas palavras as “coisas vistas” da vida rural [...], sempre com os contrastes virgilianos de

<sup>3</sup> Essa personagem (65 a.C.–4 d.C.), que fez carreira política e de “crítico literário” em Roma, foi uma espécie de mecenas de Virgílio, tendo sido por ele homenageado, além de na bucólica IV, também na bucólica VIII (no último caso, em virtude de uma vitória bélica na Dalmácia, em 39 a.C.).

<sup>4</sup> CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 51.

<sup>5</sup> CODOÑER. *Historia de la literatura latina*, p. 472.

<sup>6</sup> CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 51.

<sup>7</sup> Parece, na verdade, haver muito mais de poesia didática agrária neste poema do que de uma composição puramente bucólica.

<sup>8</sup> O canto amebeu é “uma sequência de dísticos [dois versos] alternados, em que cada um [poeta] se esforça em retomar o que o outro diz, exprimindo a mesma coisa ou o seu contrário, com mais força e graça” (CARVALHO. “Bucólicas” de Virgílio: uma constelação de traduções, p. 126). Dessa forma, os poetas, no canto amebeu, tentam emular ou superar o que o seu adversário diz, cabendo ao árbitro do “concurso” decidir quem é o vencedor. Geralmente, os pastores que disputam entre si oferecem um prêmio; na bucólica calpurniana de número VI, por exemplo, apostam-se animais, um cavalo de raça e um veado. Nota da tradutora.

<sup>9</sup> CODOÑER. *Historia de la literatura latina*, p. 473.

sol e sombra, do calor tórrido e da fonte fresca, contrastes que, em zona mediterrânea, são experimentados mais vivamente que alhures.<sup>10</sup>

A tradução anotada que aqui se apresenta, como dissemos, recobre integralmente todo o *corpus* conhecido da produção calpurniana. Desenvolveu-a, sob minha orientação de iniciação científica na Faculdade de Letras da UFMG,<sup>11</sup> a aluna Luana Santana Lins Cerqueira, enquanto ainda graduanda em Língua e Literatura latina. O procedimento metodológico empregado para traduzir foi o acompanhamento verso a verso do original latino, segundo parâmetros de feitura antes filológicos que literários.<sup>12</sup> Em que pese a essa opção de trabalho, as traduções das *Bucólicas* aqui coligadas não se pautam pela absoluta literalidade no cotejo com seu(s) ponto(s) de partida em latim, tendo-se buscado, em vez disso, a produção de textos de leitura mais fluida e espontânea em nosso idioma.<sup>13</sup> As notas, sem pretensões de integrarem exaustivo comentário a respeito da obra dessa poeta antigo, prestam-se a esclarecer pormenores míticos, históricos, culturais ou de outra natureza, visando a diminuir, para o leitor, quaisquer demasiados ruídos comunicativos.

Matheus Trevizam

## Bucólica I

Em pleno verão, os irmãos Córidon e Órnito buscam abrigo à sombra de uma faia (versos 8-11). Nela veem, inscritos pelo deus Fauno (v. 20-35), versos proféticos, que anunciam o retorno da Idade de Ouro (v. 42-73). O aparecimento de um cometa (v. 77-79) assume a forma do prenúncio dessa nova era pacífica e gloriosa. Findada a leitura do poema oracular, Órnito propõe ao seu irmão que cadenciem um som na flauta para que, talvez, Melibeu leve aqueles versos pastoris aos ouvidos do Imperador (v. 92-94).

<sup>10</sup> GAILLARD; MARTIN. *Les genres littéraires à Rome*, p. 350. Tradução do organizador.

<sup>11</sup> Título da primeira iniciação científica, realizada através do Programa de Iniciação Científica Voluntária da PRPq da UFMG, de 2015 a 2016: Ressonâncias de Virgílio no bucolismo de Calpúrnio Sículo; título da segunda iniciação científica, realizada através do mesmo Programa de Iniciação Científica Voluntária, de 2015 a 2016: Ressonâncias das *Geórgicas* de Virgílio no bucolismo de Calpúrnio Sículo.

<sup>12</sup> BRITTO. *A tradução literária*, p. 54.

<sup>13</sup> Pelo que temos notícia, esta seria a primeira tradução integral das *Bucólicas* calpurnianas publicada em língua portuguesa no Brasil, mesmo se considerarmos a existência de uma versão *lusa* desse texto, preparada e traduzida por João Beato em 1996.

## CORYDON: ORNYTUS

- Corydon** *Nondum solis equos declinis mitigat aestas,  
quamuis et madidis incumbant prela racemis  
et spument rauco feruentia musta susurro.  
cernis ut ecce pater quas tradidit, Ornyte, uaccae*
- 5 *molle sub hirsuta latus explicuere genista?  
nos quoque uicinis cur non succedimus umbris?  
torrida cur solo defendimus ora galero?*
- Ornytus** *hoc potius, frater Corydon, nemus, antra petamus  
ista patris Fauni, graciles ubi pinea denset*
- 10 *silua comas rapidoque caput leuat obuia soli,  
bullantes ubi fagus aquas radice sub ipsa  
protegit et ramis errantibus implicat umbras.*
- C** *quo me cumque uocas, sequor, Ornyte; nam mea Leuce,  
dum negat amplexus nocturnaue gaudia nobis,*
- 15 *peruia cornigeri fecit sacraria Fauni.  
prome igitur calamos et si qua recondita seruas.  
nec tibi defuerit mea fistula, quam mihi nuper  
matura docilis compegit harundine Ladon.*
- O** *et iam captatae pariter successimus umbrae.*
- 20 *sed quaenam sacra descripta est pagina fago,  
quam modo nescio quis properanti falce notauit?  
aspicis ut uirides etiam nunc littera rimas  
seruet et arenti nondum se laxet hiatu?*
- C** *Ornyte, fer propius tua lumina: tu potes alto*
- 25 *cortice descriptos citius percurrere uersus;*

## CÓRIDON: ÓRNITO

- Córidon** O verão a findar ainda não doma os cavalos do Sol,<sup>14</sup> mesmo que as prensas pesem sobre úmidos cachos e o mosto<sup>15</sup> fermentado espume com rouco sussurro. Eis, Órnito, vês como as vacas, que nosso pai deu, estenderam os flancos macios sob hirsuta giesta?<sup>16</sup> Por que, também, não vamos às sombras vizinhas? Por que proteger as faces queimadas só com chapéu?
- Órnito** Busquemos antes, irmão Córidon, este bosque, essas grutas do pai Fauno,<sup>17</sup> onde o pinhal adensa esguias copas e eleva a cabeça, expondo-se ao sol impetuoso, onde uma faia protege sob as próprias raízes águas gasosas e sombras enlaça com ramos espalhados.
- C** Aonde quer que me chames, sigo-te, Órnito: minha Leuce, negando abraços e prazeres noturnos, franqueou os santuários do cornífero Fauno; toma, pois, a flauta de cana e algo, acaso, que ponhas de reserva. Não te abandonará minha flauta, que o destro Ladão há pouco construiu para mim com madura cana.
- O** Agora mesmo, fomos juntos à sombra encontrada.
- 20 Mas qual página se escreveu na sacra faia, que um ignoto, há pouco, depressa marcou à foice? Vês como a letra ainda conserva os contornos verdes e ainda não se abre em fendas ressequidas?
- C** Órnito, aproxima mais os teus olhos: tu podes ler mais rápido os versos escritos na alta cortiça,
- 25

<sup>14</sup> Na mitologia greco-romana, os cavalos do Sol são quatro: Pírois, Eoo, Etão e Flégon (GRATIO *et al. Poesia latina pastoril, de caça y pesca*, p. 79). Eles conduzem a biga de Apolo, deus do Sol. Esse deus se ergue no horizonte todas as manhãs, levando o Sol a leste, e descendo de seu carro no ocidente (BAILEY *et al. Mitologia: mitos e lendas de todo o mundo*, p. 40).

<sup>15</sup> Mosto: vinho por fermentar; vinho doce.

<sup>16</sup> A giesta (*Spartium junceum*) é um arbusto que cresce entre 1,5 e 3 metros de altura; emprega-se para a produção de fibras têxteis (HOVAISS. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 813).

<sup>17</sup> Fauno era uma divindade romana, protetor dos campos e dos pastores, considerado o "espírito bom" dos bosques e das florestas. Além disso, era dotado do dom da profecia.

- nam tibi longa satis pater internodia largus  
procerumque dedit mater non inuida corpus.*
- 30 **O** *non pastor, non haec triuiali more uiator,  
sed deus ipse canit: nihil armentale resultat,  
nec montana sacros distinguunt iubila uersus.*
- C** *mira refers; sed rumpe moras oculoque sequaci  
quamprimum nobis diuinum perlege carmen.*
- O** *"qui iuga, qui siluas tueor, satus aethere Faunus,  
haec populis uentura cano: iuuat arbore sacra*
- 35 *laeta patefactis incidere carmina fatis.  
uos o praecipue nemorum gaudete coloni,  
uos populi gaudete mei: licet omne uagetur  
seculo custode pecus nocturnaue pastor  
claudere fraxinea nolit praesepia crate:*
- 40 *non tamen insidias praedator ouilibus ullas  
afferet aut laxis abiget iumenta capistris.  
aurea secura cum pace renascitur aetas  
et redit ad terras tandem squalore situque  
alma Themis posito iuuenemque beata sequuntur*
- 45 *saecula, maternis causam qui uicit Iulis.*

- pois membros bastante longos deu-te um pai robusto e grande estatura tua mãe generosa.
- O** Nem pastor, nem viajante canta trivialmente estes versos, mas o próprio deus: nada ressoa de manadas, nem júbilos montanhese cadenciam sagrados versos.
- 30 **C** Dizes maravilhas; mas logo, e com olho vivo, lê o quanto antes para mim todo o poema divino.
- O** "Eu, dos montes e bosques protetor, o etéreo Fauno, canto aos povos o porvir: agrada gravar na sacra árvore versos alegres, revelando o destino.
- 35 Alegrai-vos sobretudo vós, ó camponeses dos bosques, alegrai-vos vós, ó povos meus: convém a todo rebanho vagar com seguro guardião, e não querer o pastor fechar noturnos currais com grades de freixo:
- 40 contudo, não urdirá armadilha alguma o ladrão contra um redil nem roubará mulas, livres dos cabrestos. Renasce, assegurada a paz, a Idade Áurea:<sup>18</sup> distantes a miséria e o desmazelo, retorna, enfim, às terras a benéfica Têmis,<sup>19</sup> e tempos felizes acompanham
- 45 o jovem que venceu a causa pelos Júlios maternos.<sup>20</sup>

<sup>18</sup> Também conhecida como a Idade de Ouro, período mítico caracterizado pela plena harmonia na Terra entre os homens e a natureza. Contudo, nesta bucólica calpurniana de número I, bem como na de número IV, tal tema é politizado (CERQUEIRA. A Idade de Ouro na écloga IV de Virgílio e IV de Calpúrnio Sículo, p. 287-297).

<sup>19</sup> Deusa da justiça, foi a última divindade a abandonar a terra ensanguentada, o que marcou o começo da Idade de Ferro, período que, na mitologia greco-romana, foi caracterizado pela violência entre os homens, pela injustiça, pelas guerras, enfim, pelo término da paz e equilíbrio na Terra. Segundo Rodríguez (GRATIO *et al.* *Poesia latina pastoril, de caza y pesca*, p. 82), essa deusa foi catasterizada, isto é, transformada na constelação Virgem; seu regresso caracteriza a Idade de Ouro (bucólica einsidlense II, 23). Além disso, o autor aponta uma clara alusão às irregularidades jurídicas do reinado de Cláudio (predecessor de Nero), como é ilustrado nos versos seguintes.

<sup>20</sup> Possível referência a um discurso proferido por Nero em defesa dos habitantes de Ílio, a mítica Troia, donde vieram o legendário Eneias e seu filho, Ascânio. A *gens Iulia* (estirpe Júlia), clã de Júlio César (séc. I a.C.), afirmava ser descendente justo de Ascânio. "No consulado de D. Júnio e Q. Hatério, Nero, aos dezessete anos de idade, casou-se com Otávia, filha de Cláudio; e para que também com a glória da eloquência e de honrosos estudos se ilustrasse, tomou a causa dos habitantes de Ílio, donde era provindo o povo romano e Eneias, estirpe da família Júlia [...]" (Tácio. *Anais* XIII, 4 em citação de REBELLO. O engajamento político-social na poesia bucólica de Virgílio, Calpúrnio e Nemesiano, p. 77). Outra explicação, levantada por Beato (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 105), defende que a expressão "Júlios maternos" põe em evidência a própria mãe de Nero, Agripina, ela mesma do clã Júlio.

dum populos deus ipse reget, dabit impia uictas  
 post tergum Bellona manus spoliataque telis  
 in sua uesanos torquebit uiscera morsus  
 et, modo quae toto ciuilia distulit orbe,  
**50** secum bella geret: nullos iam Roma Philippos  
 deflebit, nullos ducet captiua triumphos;  
 omnia Tartareo subigentur carcere bella  
 immergentque caput tenebris lucemque timebunt.  
 candida pax aderit; nec solum candida uultu,  
**55** qualis saepe fuit quae libera Marte professo,  
 quae domito procul hoste tamen grassantibus armis  
 publica diffudit tacito discordia ferro:  
 omne procul uitium simulatae cedere pacis  
 iussit et insanos Clementia contudit enses.  
**60** nulla catenati feralis pompa senatus  
 carnificum lassabit opus, nec carcere pleno  
 infelix raros numerabit Curia patres.  
 plena quies aderit, quae stricti nescia ferri  
 altera Saturni referet Latialia regna,  
**65** altera regna Numae, qui primus ouantia caede

Enquanto o próprio deus reger os povos, ímpia Belona<sup>21</sup>  
 porá vencidas mãos às costas e, despojada de suas  
 armas, cravará violentas dentadas em suas próprias  
 vísceras; as guerras civis, que há pouco espalhou  
**50** em todo o orbe, travará contra si mesma: Roma já não  
 chorará Filipos;<sup>22</sup> nem, cativa, conduzirá triunfo algum;  
 todas as guerras serão subjugadas pelo cárcere  
 Tartáreo<sup>23</sup> e mergulharão a cabeça nas trevas, temendo  
 a luz. Cândida paz se aproximará; cândida não só pelo  
**55** aspecto, como foi, amiúde, a livre de Marte aberto<sup>24</sup>  
 e de um inimigo vencido ao longe, embora, grassando  
 a guerra, pública discórdia com tácita espada espalhasse:  
 a Clemência<sup>25</sup> ordenou retirar-se ao longe todo erro  
 de uma paz dissimulada e esmagou furiosas espadas.  
**60** Nenhum cortejo fúnebre do senado encarcerado abusará  
 do ofício dos carrascos, nem a Cúria<sup>26</sup> infeliz  
 numerará, cheio o cárcere, seus raros senadores.  
 Haverá plena quietude, que, ignorando empunhada  
 espada, outro reino de Saturno trará ao Lácio,<sup>27</sup> outro  
**65** reino de Numa,<sup>28</sup> ele que, primeiro, às tropas a triunfar

<sup>21</sup> Deusa romana da guerra. "Normalmente aparece associada a Marte. É, por vezes, representada com serpentes, que, saindo da sua própria cabeleira, a atacam" (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 105-106).

<sup>22</sup> A Batalha de Filipos foi uma contenda civil romana ocorrida em 42 a.c. entre os integrantes do segundo Triunvirato (Otaviano, Antônio e Lépido) e Bruto, apoiado por Cássio.

<sup>23</sup> O Tártaro correspondia, na mitologia romana, a uma região do submundo para onde eram enviadas as almas criminosas. Virgílio descreve o Tártaro no livro VI da *Eneida*.

<sup>24</sup> Neste verso, a guerra é personificada pelo nome de Marte, deus romano da guerra.

<sup>25</sup> Personificação da paz.

<sup>26</sup> Recinto onde o senado se reunia. Segundo Beato (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 106), o imperador Cláudio, antecessor de Nero, permitiu várias execuções arbitrárias de senadores e cavaleiros romanos.

<sup>27</sup> Mais uma menção à mítica Idade de Ouro, no Lácio (região itálica na qual Roma se localiza). Durante esse período, o deus romano Saturno (Cronos, na mitologia grega) governou a Terra. Esse deus foi muito generoso para com a humanidade: a natureza produzia todo o alimento necessário, poupando o homem do trabalho árduo. Além disso, essa Era foi caracterizada pela paz, pela ausência de crimes entre os próprios homens.

<sup>28</sup> Numa Pompílio (séc. VII a.c.), sucessor de Rômulo, tinha organizado a vida religiosa dos romanos. Teria sido ele quem instituiu o sacerdócio das Vestais (virgens que serviam à deusa romana Vesta), o templo de Jano (divindade romana das coisas passadas e futuras) e um calendário religioso, dividindo o ano em doze meses e distinguindo os dias fastos e nefastos (respectivamente, direito permitido pelos deuses e o que era contra tal direito) (CALPURNIUS SICULUS. *Bucoliques*, p. 101).



agmina, Romuleis et adhuc ardentia castris  
 pacis opus docuit iussitque silentibus armis  
 inter sacra tubas, non inter bella, sonare.  
 iam nec adumbrati faciem mercatus honoris  
**70** nec uacuos tacitus fasces et inane tribunal  
 accipiet consul; sed legibus omne reductis  
 ius aderit, moremque fori uultumque priorem  
 reddet et afflictum melior deus auferet aeuum.  
 exultet quaecumque notum gens ima iacentem  
**75** erectumue colit boream, quaecumque uel ortu  
 uel patet occasu medioe sub aethere feruit.  
 cernitis ut puro nox iam uicesima caelo  
 fulgeat et placida radiantem luce cometem  
 proferat? ut liquidum niteat sine uulnere plenus?  
**80** numquid utrumque polum, sicut solet, igne cruento  
 spargit et ardenti scintillat sanguine lampas?  
 at quondam non talis erat, cum Caesare raptio  
 indixit miseris fatalia ciuibus arma.  
 scilicet ipse deus Romanae pondera molis  
**85** fortibus excipiet sic inconcussa lacertis,

de massacres e ainda ardentes dos acampamentos  
 de Rômulo,<sup>29</sup> ensinou a obra da paz e ordenou, a quietos  
 exércitos, soarem tubas entre sacro rito, não entre guerras.  
 Não mais o cônsul comprará o semblante de uma falsa  
**70** honra, nem receberá, calado, fasces<sup>30</sup> vãos e inútil  
 tribunal; restauradas as leis, toda a justiça existirá,  
 a tradição do foro<sup>31</sup> e seu antigo aspecto voltarão,  
 e um deus melhor afastará uma Era decadente.  
 Exulte toda a gente que habita recôndita onde jaz  
**75** o Noto,<sup>32</sup> ou próxima ao altivo Bóreas,<sup>33</sup> toda a que  
 vemos no leste ou no oeste, ou que queima sob o sol a pino.  
 Vedes como a noite, já a vigésima, refulge  
 no céu puro e apresenta, com plácida luz, radiante  
 cometa?<sup>34</sup> Com que clareza reluz plenamente, sem falha  
**80** alguma? Acaso ambos os polos, como costuma,  
 com fogo sangrento espargem, e faísca sua luz em sangue  
 ardente? Não era assim antes, quando, assassinado  
 César, anunciou guerras fatais aos infelizes cidadãos.  
 Decerto, o próprio deus carregará em seus fortes braços  
**85** o peso da grandeza romana, tão inabalável que o fragor

<sup>29</sup> Teria sido, segundo a tradição lendária, o fundador de Roma, o seu primeiro rei, portanto. Em oposição a Numa, rei pacífico, Rômulo é muitas vezes descrito como um rei belicoso.

<sup>30</sup> Insignia dos primeiros magistrados em Roma. Sinal de honras e poder (especialmente no consulado) (SARAIVA. *Novíssimo dicionário latino-português*, p. 474).

<sup>31</sup> O *forum* (traduzimos 'foro') era a praça pública em Roma, lugar das assembleias, dos tribunais, enfim, da administração da justiça (SARAIVA. *Novíssimo dicionário latino-português*, p. 501).

<sup>32</sup> Noto é o vento do sul.

<sup>33</sup> Bóreas é o vento do norte.

<sup>34</sup> Existem várias hipóteses para a datação do aparecimento desse cometa, o que, aliás, é utilizado como argumento, por alguns estudiosos, para especificar o período em que o próprio Calpúrnio Sículo teria escrito suas *Bucólicas*. João Beato (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 108) aponta algumas dessas hipóteses, entre as quais destacamos duas: aquela segundo a qual o cometa coincide com o ano de 60 d.C. com base em textos datados da época neroniana; e aquela que situa o cometa no ano de 54 d.C., "fazendo-o coincidir com o desaparecimento de Cláudio e o surgir de uma nova esperança suscitada pela subida ao trono do imperador Nero". Notamos, portanto, o valor simbólico e mesmo politizado desse cometa, que teria sido um nuncio de "tempos melhores".

*ut neque translati sonitu fragor intonet orbis  
nec prius ex meritis defunctos Roma penates  
censeat, occasus nisi cum respexerit ortus”.*

**90** **C** Ornyte, iam dudum uelut ipso numine plenum  
*me quatit et mixtus subit inter gaudia terror.  
sed bona facundi ueneremur numina Fauni.*

**O** carmina, quae nobis deus obtulit ipse canenda,  
*dicamus teretique sonum modulemur auena:  
forsitan augustas feret haec Meliboeus ad aures.*

do orbe transferido não ressoe estrondoso, nem antes  
julgue Roma Penates<sup>35</sup> os mortos, pelos méritos, exceto  
quando a aurora de um reino mirar o ocaso de outro”.<sup>36</sup>

**90** **C** Órnito, já há muito agita a mim (como que pleno  
do divino) um terror e, misturado a alegrias, sobrevém.  
Mas veneremos os bons presságios do facundo Fauno.

**O** Cantos, que o próprio deus nos deu a cadenciar,  
cantemos e modulemos um som na refinada avena:  
talvez Melibeu leve estes versos a augustos ouvidos.<sup>37</sup>

<sup>35</sup> Penates: deuses da pátria.

<sup>36</sup> “Essas palavras parecem obscuramente implicar em uma sucessão ao poder imperial sem desordem ou inter-regno. Em um de seus primeiros atos, Nero proclamou honras divinas ao seu predecessor, Cláudio” (tradução de Luana Cerqueira para PUBLILIUS SYRUS *et al. Minor Latin Poets*, p. 225).

<sup>37</sup> Sobre “augustos ouvidos”, é plausível que a referência seja a Nero (séc. I d.C.), imperador romano e contemporâneo de Calpúrnio Sículo. A ele, talvez, dirigem-se os poemas calpurnianos de cunho político (CERQUEIRA. A Idade de Ouro na égloga IV de Virgílio e IV de Calpúrnio Sículo, p. 594).

## **Bucólica II**

O pastor Idas e Ástaco, senhor de um horto, disputam no canto o afeto da jovem Crócale. Tírsis é o juiz desse certame, que tem como testemunha toda a natureza: os rebanhos, animais selvagens e as árvores. Mesmo as divindades dos bosques se aproximam para ouvir o canto dos pastores. Ao final, o juiz, Tírsis, declara empate, considerando ambos páreos no canto, no amor, na beleza e na idade.

## Idas: Astacus: Thyrsis

- Intactam Crocalen puer Astacus et puer Idas,  
Idas lanigeri dominus gregis, Astacus horti,  
dilexere diu, formosus uterque nec impar  
uoce sonans. hi cum terras grauis ureret aestas,*
- 5 *ad gelidos fontes et easdem forte sub umbras  
conueniunt dulcique simul contendere cantu  
pignoribusque parant: placet, hic ne uellera septem,  
ille sui uictus ne messem uindicet horti;  
et magnum certamen erat sub iudice Thyrsi.*
- 10 *adfuit omne genus pecudum, genus omne ferarum  
et quodcumque uagis altum ferit aera pennis.  
conuenit umbrosa quicumque sub ilice lentas  
pascit oues, Faunusque pater Satyrique bicornes;  
adfuerunt sicco Dryades pede, Naides udo,*
- 15 *et tenere suos properantia flumina cursus;  
desistunt tremulis incurrere frondibus Euri  
altaque per totos fecere silentia montes:  
omnia cessabant, neglectaque pascua tauri  
calcabant, illis etiam certantibus ausa est*
- 20 *daedala nectareos apis intermittere flores.*

## Idas: Ástaco: Tírsis

- A intocada Crócale amaram longamente o jovem Ástaco e o jovem Idas; Idas, senhor de rebanho lanígero, Ástaco, de um horto, ambos formosos e pares na voz quando recitam. Eles, como um verão voraz queimasse as terras,
- 5 encontram-se por acaso junto a frescas fontes e sob as mesmas sombras, assim se preparam para disputar juntos em doce canto e em apostas: convém que este a sete velos renuncie; que aquele, se vencido, à colheita de seu horto; e era grande o certame sob o juízo de Tírsis.
- 10 Aproximou-se todo tipo de rebanho, todo tipo de feras e tudo o que toca os altos céus com penas vagantes. Junta-se sob a umbrosa azinheira todo aquele que apascenta lentas ovelhas, o Pai Fauno e os Sátiros<sup>38</sup> bicornes; Aproximaram-se as Dríades<sup>39</sup> de pé seco, de úmido,
- 15 as Náiades,<sup>40</sup> e os rios ligeiros seguraram seus cursos; os Euros<sup>41</sup> cessam de lançar-se às folhagens trementes e fizeram um profundo silêncio por montes inteiros: tudo cessava, os touros calcavam os pastos negligenciados, e, durante aqueles certames, mesmo a engenhosa
- 20 abelha ousou deixar as flores plenas de néctar.

<sup>38</sup> "Na Antiguidade, os Sátiros, tal como as Ninfas, representavam a Natureza sob as mais diversas formas. 'Eram gênios das águas, dos montes e dos bosques'. A tradição popular atribuíra-lhes um caráter malicioso e sensual. Representados com um corpo felpudo, orelhas e pés de cabra e cauda de cavalo, cantavam, dançavam e tocavam vários instrumentos musicais" (ESCOBEDO. *Diccionario enciclopédico de la mitología* (s. v. "sátiros") em citação de CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 109.).

<sup>39</sup> "As Dríades eram ninfas dos bosques e das selvas. Moviam-se num ambiente seco. Ao contrário das Náiades, que eram mortais, as Dríades eram dotadas de imortalidade. Em virtude de seu caráter solitário, não integravam o cortejo de outras divindades, ainda que silvestres, nem dançavam ou tocavam na sua companhia" (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 109).

<sup>40</sup> "As Náiades eram as ninfas que habitavam as fontes e os cursos de água. Moviam-se num ambiente úmido. Em sua honra, imolavam-se cabritos e cordeiros e faziam-se libações de vinho, mel e azeite. Os seus altares eram ornamentados com flores e frutos. Representavam-se sob a forma de jovens de apreciável beleza, com uma abundante cabeleira adornada de juncos e com pernas e braços desnudados, segurando na mão uma concha de água junto de uma fonte" (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 110).

<sup>41</sup> O Euro é o vento sudeste. Mas em Calpúrnio, os Euros (sempre no plural) são os ventos que agitam a vegetação (como nos v. 16-17), em oposição ao bóreas e ao noto (cf. éloga 1), citados unicamente como meros pontos cardeais (GRATIO *et al. Poesía latina pastoril, de caza y pesca*, p. 87).

iamque sub annosa medius consederat umbra  
 Thyrsis et "o pueri me iudice pignora" dixit  
 "irrita sint moneo: satis hoc mercedis habeto,  
 si laudem uictor, si fert opprobria uictus.  
 25 et nunc alternos magis ut distinguere cantus  
 possitis, ter quisque manus iactate micantes".  
 nec mora: decernunt digitis, prior incipit Idas.  
**Idas** me Silvanus amat, dociles mihi donat auenas  
 et mea frondenti circumdat tempora taeda.  
 30 ille etiam paruo dixit mihi non leue carmen:  
 "iam leuis obliqua crescit tibi fistula canna".  
**Astacus** at mihi Flora comas pallenti gramine pingit  
 et matura mihi Pomona sub arbore ludit.  
 "accipe" dixerunt Nymphae "puer, accipe fontes:  
 35 iam potes irriguos nutrire canalibus hortos".  
**I** me docet ipsa Pales cultum gregis, ut niger albae  
 terga maritus ouis nascenti mutet in agna,  
 quae neque diuersi speciem seruare parentis  
 possit et ambiguo testetur utrumque colore.  
 40 **A** non minus arte mea mutabilis induit arbos  
 ignotas frondes et non gentilia poma:  
 ars mea nunc malo pira temperat et modo cogit  
 insita praecoquibus subrepere persica prunis.  
**I** me teneras salices iuuat aut oleastra putare  
 45 et gregibus portare nouis, ut carpere frondes

Já, sob uma velha sombra, Tírsis sentara-se no meio  
 e disse: "Ó, jovens, sendo o juiz, aconselho a que se omitam  
 as apostas: isto como recompensa bastará, se vencedor,  
 elogiarei, se vencido, reprovações ouvirá.  
 25 E agora, para que melhor possais marcar alternados cantos,  
 estendei cada um, três vezes, as mãos palpitantes".  
 Sem demora: tiram par e ímpar, Idas começa.  
**Idas** Ama-me Silvano,<sup>42</sup> dá-me doces avenas e circunda-me  
 as frentes com frondosos ramos de pinheiro.  
 30 Para mim, ainda pequeno, fez não leviana profecia:  
 "Já cresce para ti suave flauta no junco oblíquo".  
**Ástaco** Mas, para mim, Flora<sup>43</sup> tinge os cabelos com claras  
 gramíneas e, para mim, brinca Pomona<sup>44</sup> madura sob a árvore.  
 "Recebe", disseram as Ninfas, "recebe, jovem, estas fontes:  
 35 já podes nutrir os irrigados hortos com canais".  
**I** A mim ensina a própria Pales<sup>45</sup> o cuidado do rebanho,  
 como o escuro macho da alva ovelha transforma os pelos  
 da cordeira a nascer, de modo que não possa conservar  
 o tom de pais distintos e indique os dois pela cor ambígua.  
 40 **A** Não menos, por minha arte, mudada árvore cobriu-se  
 de ignotas folhagens e de frutos não nativos:  
 agora, minha arte combina a pera à maçã, e ora leva  
 enxertados pêssegos a insinuar-se sob prematuras ameixas.  
**I** Agrada-me podar tenros salgueiros ou zambujeiros  
 45 e levá-los aos novos rebanhos, para que aprendam a colher

<sup>42</sup> Silvano era o deus dos bosques e dos campos. Etimologicamente, seu nome está relacionado à *silua*, que em latim significa 'bosque'.

<sup>43</sup> Deusa das flores e dos jardins. Calpúrnio a apresenta como uma deusa da primavera. Aqui, a imagem é da erva gramínea que se renova e se torna fecunda (CALPURNIUS SICULUS. *Bucoliques*, p. 103).

<sup>44</sup> Pomona era a deusa dos frutos. Em latim, *pomum* significa 'fruto', do qual, como se vê, deriva o nome dessa divindade. Jacqueline Amat (CALPURNIUS SICULUS. *Bucoliques*, p. 103) observa que ela é apresentada, nessa passagem, como deusa do outono (*Pomona* = 'madura').

<sup>45</sup> Pales era uma divindade protetora dos rebanhos e dos pastores. Pode ser do gênero masculino e, portanto, uma espécie de gênio. Porém, em Calpúrnio, é dada uma precisão de gênero: *ipsa Pales* ('a própria Pales') (GRATIO *et al. Poesía latina pastoril, de caza y pesca*, p. 88).

*condiscant primoque recidere gramina morsu,  
 ne depulsa uagas quaerat fetura parentes.*  
**A** *at mihi cum fuluis radicibus arida tellus  
 pangitur, irriguo perfunditur area fonte  
 50 et satiatur aqua, sucos ne forte priores  
 languida mutata quaerant plantaria terra.*  
**I** *o si quis Crocalen deus afferat! hunc ego terris,  
 hunc ego sideribus solum regnare fatebor;  
 secernamque nemus dicamque: "sub arbore numen  
 55 hac erit; ite procul — sacer est locus — ite profani".*  
**A** *urimur in Crocalen: si quis mea uota deorum  
 audiat, huic soli, uirides qua gemmeus undas  
 fons agit et tremulo percurrit lilia riuo,  
 inter pampineas ponetur faginus ulmos.*  
**I** *ne contemne casas et pastoralia tecta:  
 60 rusticus est, fateor, sed non et barbarus Idas.  
 saepe uaporato mihi cespite palpitat agnus,  
 saepe cadit festis deuota Parilibus agna.*  
**A** *nos quoque pomiferi laribus consueuimus horti  
 65 mittere primitias et fingere liba Priapo,  
 rorantesque fauos damus et liquentia mella;  
 nec fore grata minus, quam si caper imbuat aras.*  
**I** *mille sub uberibus balantes pascimus agnas,  
 totque Tarentinae praestant mihi uellera matres;  
 70 per totum niueus premitur mihi caseus annum:*

as folhagens e, na primeira mordida, a arrancar a relva,  
 para que a cria desmamada não busque mães errantes.  
 Mas, para mim, quando a terra árida é plantada com fulvas  
 raízes, a eira se inunda com refrescante fonte e sacia-se  
**50** com água, para que renovaos murchos, mudada  
 a terra, acaso não busquem as primeiras seivas.  
**I** Ó, se algum deus trouxesse Crócale! Então confessarei  
 eu mesmo, eu, um único rei mandar sobre as terras e os astros;  
 a ele consagrarei um bosque e direi: "Sob esta árvore haverá  
**55** um deus; afastai-vos – santo é o lugar –, sim, profanos".  
**A** Queimo por Crócale: se algum dos deuses ouvir meus  
 votos, apenas para ele, onde fonte cintilante conduz verdes  
 águas e percorre os lírios com trêmulo regato, entre  
 olmos recobertos de pâmpanos, uma faixa será plantada.  
**I** Não desprezes choupanas e tetos pastoris:  
**60** é rústico, confesso, mas também não é bárbaro Idas.  
 Amiúde, para mim, um cordeiro palpita no altar perfumado,<sup>46</sup>  
 amiúde é sacrificada uma cordeira nas Parílias.<sup>47</sup>  
**A** Nós também costumamos enviar primícias do horto  
**65** frutífero aos Lares<sup>48</sup> e confeccionar bolos para Priapo,<sup>49</sup>  
 e damos gotejantes favos e líquidos méis, nem seria menos  
 grata a oferenda, do que se um bode imbuísse sangrentas aras.  
**I** Mil cordeiras a balir sob úberes apascentamos,  
 e tantas mães tarentinas<sup>50</sup> dão-me velos;  
**70** durante todo o ano, claro queijo é pressionado por mim:

<sup>46</sup> Altar perfumado pelas libações, isto é, pelos líquidos aí derramados, em geral o vinho, mas possivelmente o mel e o leite (cf. nota 49). No altar, sacrificam-se as vítimas e, nesses v. 62-63, são cordeiros os animais oferecidos a Pales.

<sup>47</sup> As Parílias eram festas em honra de Pales, celebrada pelos pastores a 21 de abril, aniversário da fundação de Roma (SARAIVA. *Novíssimo dicionário latino-português*, p. 836).

<sup>48</sup> Os Lares eram deuses guardiões das encruzilhadas, da casa familiar, do Estado etc. Também representados como protetores do rebanho (GRATIO *et al.* *Poesía latina pastoril, de caza y pesca*, p. 90).

<sup>49</sup> Deus das vinhas e dos jardins. Era costume entre os romanos oferecer-lhe frutos e bebidas, sobretudo o mel e o leite (CALPURNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 112).

<sup>50</sup> Segundo Amat, as ovelhas e os carneiros de Tarento forneciam uma lã superior: "como a lã comum não lhe bastasse, Trimalquião enriqueceu seu rebanho com um aporte de carneiros do Tarento" (PETRÔNIO. *Satíricon* xxxviii, 2 em citação de CALPURNIUS SÍCULUS. *Bucólicas*, p. 104).

- si uenias, Crocale, totus tibi seruiet hornus.*  
**A** *qui numerare uelit quam multa sub arbore nostra  
poma legam, tenues citius numerabit harenas.  
semper holus metimus, nec bruma nec impedit aestas:*  
**75** *si uenias, Crocale, totus tibi seruiet hortus.*  
**I** *quamuis siccus ager languentes excoquat herbas,  
sume tamen calathos nutanti lacte coactos:  
uellera tunc dabimus, cum primum tempus apricum  
surget et a tepidis fiet tonsura Kalendis.*  
**80** **A** *at nos, quos etiam praetorrida munerat aestas,  
mille reidenti dabimus tibi cortice Chias,  
castaneasque nuces totidem, cum sole Decembri  
maturis nucibus uirides rumpentur echinni.*  
**I** *num, precor, informis uideor tibi? num grauis annis?*  
**85** *decipiorque miser, quotiens mollissima tango  
ora manu primique sequor uestigia floris  
nescius et gracili digitos lanugine fallo?*  
**A** *fontibus in liquidis quotiens me conspicio, ipse  
admiror totiens. etenim sic flore iuuentae*  
**90** *induimur uultus, ut in arbore saepe notauit  
cerea sub tenui lucere cydonia lana.*  
**I** *carmina poscit amor, nec fistula cedit amori.  
sed fugit ecce dies reuocatque crepuscula uesper.  
hinc tu, Daphni, greges, illinc agat Alpheisiboeus.*  
**95** **A** *iam resonant frondes, iam cantibus obstrepit arbor:  
i procul, o Doryla, plenumque reclude canalem,  
et sine iam dudum sitientes irriget hortos.—  
uix ea finierant, senior cum talia Thyrsis:  
"este pares et ob hoc concordēs uiuite; nam uos*  
**100** *et decor et cantus et amor sociauit et aetas".*

- se vieres, Crócale, será todo teu o deste ano.  
**A** Quem quiser enumerar quantos frutos colherei sob nossa  
árvore, enumerará mais rápido tênues grãos de areia.  
Sempre colhemos o legume, nem impede inverno, nem verão:  
**75** se vieres, Crócale, será todo teu o deste ano.  
**I** Ainda que o campo seco queime as ervas lânguidas, toma  
porém estes tarros<sup>51</sup> coagulados com leite palpitante:  
Velos então daremos, logo que o tempo ensolarado surgir,  
e a tosa será feita nas tépidas Calendas.<sup>52</sup>  
**80** **A** Mas nós, que também o tórrido verão remunera,  
daremos a ti mil figos de Quios,<sup>53</sup> de pele reluzente,  
e outras tantas castanhas, quando, sob o sol de dezembro,  
romperem-se as verdes cascas das nozes maduras.  
**I** Acaso, imploro, pareço-te disforme? Acaso carregado de anos?  
**85** Eu me iludo, um infeliz, quantas vezes toco com a mão  
a maciez do rosto, procuro inconsciente os vestígios do buço  
e engano os dedos com graciosa lanugem?  
**A** Nas límpidas fontes, quantas vezes me vejo, eu mesmo  
outras tantas me admiro, pois com a flor da juventude  
**90** revisto a face, como amiúde notei numa árvore  
luzir um marmelo de cera sob tênue lanugem.  
**I** O amor reclama poemas, nem minha flauta lhe é inferior.  
Mas eis que foge o dia e Vésper reconvoca os crepúsculos.  
Tu daqui, Dáfnis, toca os rebanhos; dali, Alfesibeu.  
**95** **A** Já ressoam as folhagens, já nossos cantos uma árvore  
abafa: vai para longe, ó Dórilas, abre todo o canal,  
que ele irrigue os hortos já há muito sequiosos. —  
Mal deram termo a estes versos, quando o velho Tírsis falou:  
"sois pares e, por isso, vivei em concórdia: uniu-vos  
**100** a beleza, o canto, o amor e a idade".

<sup>51</sup> Recipiente onde se conserva o leite ordenhado.

<sup>52</sup> As Calendas, no calendário romano, equivaliam ao primeiro dia de cada mês.

<sup>53</sup> Os figos de Quios, ilha do mar Egeu, eram muito apreciados e conhecidos (GRATIO *et al.* *Poesía latina pastoril, de caza y pesca*, p. 91).

## Bucólica III

Segundo Beato<sup>54</sup>, esta égloga de tema amoroso é baseada no idílio XIV de Téocrito e na égloga II de Virgílio. O pastor Lícidas, depois de uma querela com Fílis, lamenta sua perda. Iolas o consola e se encarrega de levar o longo poema feito por Lícidas à sua amada. Essa composição poética de tom reconciliador comporá grande parte da presente bucólica. Através do seu poema, o pastor tentará convencer Fílis a perdoá-lo.<sup>55</sup>

<sup>54</sup> CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 71.

<sup>55</sup> Em um estudo anterior (CERQUEIRA. Uma abordagem retórico-comparativa da bucólica II de Virgílio e da bucólica III de Calpúrnio Sículo, p. 140-157), analisamos justamente a dimensão argumentativa evidente nesta égloga, especialmente no poema de Lícidas, em uma abordagem comparativa com a égloga III de Virgílio.



## IOLLAS: LYCIDAS

- Iollas** *Numquid in hac, Lycida, uidisti forte iuuenam ualle meam? Solet ista tuis occurrere tauris, et iam paene duas, dum quaeritur, eximit horas; nec tamen apparet. duris ego perdita ruscis*
- 5 *iam dudum nullus dubitauit crura rubetis scindere, nec quicquam post tantum sanguinis egi.*
- Lycidas** *non satis attendi: nec enim uacat. uror, Iolla, uror, et immodice: Lycidan ingrata reliquit Phyllis amatque nouum post tot mea munera Mopsum.*
- 10 **I** *mobilior uentis o femina! sic tua Phyllis: quae sibi, nam meministi, si quando solus abesses, mella etiam sine te iurabat amara uideri.*
- L** *altius ista querar, si forte uacabis, Iolla. has pete nunc salices et laeuas flecte sub ulmos.*
- 15 *nam cum prata calent, illic requiescere noster taurus amat gelidaque iacet spatiosus in umbra et matutinas reuocat palaribus herbas.*
- I** *non equidem, Lycida, quamuis contemptus, abibo. Tityre, quas dixit, salices pete solus et illinc,*
- 20 *si tamen inuenies, deprensam uerbere multo huc age; sed fractum referas hastile memento. nunc age dic, Lycida: quae noxam magna tulere iurgia? quis uestro deus interuenit amori?*
- L** *Phyllide contentus sola (tu testis, Iolla)*
- 25 *Callirhoe spreui, quamuis cum dote rogaret:*

## IOLAS: LÍCIDAS

- Iolas** *Acaso, Lícidas, viste porventura minha novilha neste vale? Ela costuma correr para teus touros e já quase duas horas me tira, enquanto a procuro; contudo, não aparece. Eu próprio, já há algum tempo, não hesitei em ferir minhas pernas, arruinadas por duras gilbarbeiras<sup>56</sup> nos silvados; e, depois de tanto sangue, nada consegui.*
- 5 **Lícidas** *Não atentei muito: pois não tenho tempo. Queimo, Iolas, queimo e imoderadamente: a ingrata Fílis deixou Lícidas e, depois de tantos presentes meus, ama há pouco Mopso.*
- 10 **I** *Ó mulher mais inconstante que os ventos! Assim tua Fílis: ela, pois me lembro, jurava que até o mel lhe parecia amargo sem ti se, às vezes, tu te afastavas sozinho.*
- L** *Mais a fundo o lamentarei, se acaso tiveres tempo, Iolas. Procura agora estes salgueiros e vira sob os olmeiros*
- 15 *à esquerda. Na verdade, quando os prados se aquecem, nosso touro ama repousar ali, deita-se espalhado sob a fresca sombra e ruma as ervas matutinas.*
- I** *Decerto não irei, Lícidas, ainda que desprezado. Títiro, procura sozinho os salgueiros de que ele falou e de lá,*
- 20 *se contudo a encontrares, traze para cá, capturando com muito açoite; mas lembra de trazer de volta a haste partida. Agora vai, fala, Lícidas: que grandes querelas causaram a tristeza? Que deus interveio em vosso amor?*
- L** *Contente só com Fílis (tu és testemunha, Iolas),*
- 25 *desdenhei Calíroe, ainda que me procurasse com dote:*

<sup>56</sup> "A gilbarbeira, uma planta natural da Europa, de aspecto invulgar e com 'folhas' rígidas espinhosas, foi investigada a fundo como remédio para problemas venozos". Disponível em: <<http://goo.gl/iERdqj>>.

*en, sibi cum Mopso calamos intexere cera  
 incipit et puero comitata sub ilice cantat.  
 haec ego cum uidi, fateor, sic intimus arsi,  
 ut nihil ulterius tulerim. nam protinus ambas*  
**30** *diduxi tunicas et pectora nuda cecidi.  
 Alcippen irata petit dixitque: "relicto,  
 improbe, te, Lycida, Mopsum tua Phyllis amabit"  
 nunc penes Alcippen manet; ac ne forte negetur,  
 a! uereor; nec tam nobis ego Phyllida reddi*  
**35** *exopto quam cum Mopso iurgetur anhelu.  
 I a te coeperunt tua iurgia; tu prior illi  
 uictas tende manus; decet indulgere puellae,  
 uel cum prima nocet. si quid mandare iuuabit,  
 sedulus iratae contingam nuntius aures.*  
**40** *L iam dudum meditor, quo Phyllida carmine placem.  
 forsitan audito poterit mitescere cantu;  
 et solet illa meas ad sidera ferre Camenas.  
 I dic age; nam cerasi tua cortice uerba notabo  
 et decisa feram rutilanti carmina libro.*  
**45** *L "has tibi, Phylli, preces iam pallidus, hos tibi cantus  
 dat Lycidas, quos nocte miser modulatur acerba,  
 dum flet et excluso disperdit lumina somno.  
 non sic dstricta marcescit turdus oliua,  
 non lepus, extremas legulus cum sustulit uuas,*  
**50** *ut Lycidas domina sine Phyllide tabidus erro.*

eis que, com Mopso,<sup>57</sup> começa a unir as canas com a cera,<sup>58</sup>  
 e, acompanhada do rapaz, canta sob a azinheira.  
 Quando vi isso, confesso, ardi tão profundamente  
 que nada mais suportei, pois logo as duas  
**30** túnicas rasguei e bati em seu peito nu.  
 Irada, buscou Alcipe e disse: "Deixo-te,  
 ó ímprobo Lícidas, tua Fílis amará Mopso". Agora junto  
 de Alcipe permanece e, ai! temo que talvez me seja  
 negada. Nem tanto eu desejo que Fílis me seja devolvida  
**35** quanto espero impaciente que brigue com Mopso.  
**I** Contigo começaram tuas querelas, tu primeiro lhe  
 estende vencidas mãos; convém condescender  
 a uma moça, mesmo que agrida primeiro. Se aproveita  
 confiar, tocarei – mensageiro aplicado – da irada os ouvidos.  
**40** **L** Já há muito reflito com que poema agradar a Fílis.  
 Talvez poderá abrandar-se ao ouvir o canto;  
 e ela costuma levar aos astros minhas Camenas.<sup>59</sup>  
**I** Vai, fala, pois anotarei tuas palavras na casca da cerejeira,  
 e levarei os versos inscritos em rubro córtex.<sup>60</sup>  
**45** **L** "Estes pedidos a ti, Fílis, estes cantos, Lícidas já pálido a ti  
 oferece; estes, cadencia infeliz na noite amarga,  
 enquanto chora e arruína os olhos ao perder o sono.  
 O tordo não definha assim ao desramar-se a oliveira,  
 nem a lebre, quando o colhedor leva as derradeiras uvas,  
**50** como eu, Lícidas, vago consumido sem minha amante, Fílis.

<sup>57</sup> Mopso é um tocador de flauta.

<sup>58</sup> Processo de feitura da flauta, construída a partir da cana, a cera servindo de cola.

<sup>59</sup> As Camenas são "musas" romanas da poesia. Por extensão, evocam a própria composição poética ou canto.

<sup>60</sup> Segundo Beato (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 103), o hábito de escrever em árvores parece ser uma tradição popular, prática de fato comum até os dias atuais, especialmente inscrições amorosas.

*te sine, uae misero, mihi lilia nigra uidentur  
 nec sapiunt fontes et acescunt uina bibenti.  
 at si tu uenias, et candida lilia fient  
 et sapient fontes et dulcia uina bibentur.*

**55** *ille ego sum Lycidas, quo te cantante solebas  
 dicere felicem, cui dulcia saepe dedisti  
 oscula nec medios dubitasti rumpere cantus  
 atque inter calamos errantia labra petisti.  
 a dolor! et post haec placuit tibi torrida Mopsi  
 uox et carmen iners et acerbae stridor auenae?  
 quem sequeris? quem, Phylli, fugis? formosior illo  
 dicor, et hoc ipsum mihi tu iurare solebas.  
 sum quoque diuitior: certauerit ille tot haedos  
 pascere quot nostri numerantur uespere tauri.*

**60** *quid tibi quae nosti referam? scis, optima Phylli,  
 quam numerosa meis siccetur bucula mulctris  
 et quam multa suos suspendat ad ubera natos.  
 sed mihi nec gracilis sine te fiscella salicto  
 textitur et nullo tremuere coagula lacte.*

**65** *quod si dura times etiam nunc uerbera, Phylli,  
 tradimus ecce manus: licet illae uimine torto,  
 si libet, et lenta post tergum uite domentur,  
 ut mala nocturni religauit bracchia Mopsi  
 Tityrus et furem medio suspendit ouili.*

**70** *accipe, ne dubites, meruit manus utraque poenas.  
 his tamen, his isdem manibus tibi saepe palumbes,  
 saepe etiam leporem decepta matre pauentem  
 misimus in gremium; per me tibi lilia prima  
 contingerunt primaeque rosae: uixdum bene florem*

**75** *degustarat apis, tu cingebare coronis.*

Sem ti, ai tristeza! os lírios me parecem negros,  
 não têm gosto as fontes e se azedam bebidos vinhos.  
 Mas, se tu vieres, não só os lírios se tornarão brancos,  
 também as fontes terão sabor e os vinhos serão doces de beber.

**55** Sou aquele mesmo Lícidas: enquanto eu cantava,  
 costumavas dizer-te feliz, a mim deste muitas vezes doces  
 beijos, não hesitaste em interromper no meio do canto  
 e buscaste meus lábios errantes na flauta de cana.  
 Ah, dor! Depois disso, tanto a voz seca de Mopso te agradou  
 quanto seu canto sem vida e o ranger da áspera avena?  
**60** Segues a quem? De quem, ó Fílis, foges? Dizem-me mais  
 belo que ele, e isso mesmo tu costumavas jurar-me.  
 Sou, também, mais rico; dispute ele em tantos bodes  
 apascentar quanto se contam touros nossos à tarde.

**65** Por que te falaria do que conheces? Sabes, perfeita Fílis,  
 quão numerosas novilhas são ordenhadas por meus tarros  
 e quantas retêm aos úberes seus filhotes.  
 Mas, sem ti, nem teço de salgueiro um delicado molde,  
 nem de leite algum palpitou o coalho.

**70** Mas se ainda agora temes, Fílis, os cruéis açoites,  
 eis que cedo as mãos: deixo que elas com sinuoso vime,<sup>61</sup>  
 se queres, e com pâmpanos flexíveis se amarrem às costas,  
 como do notívago Mopso os braços daninhos  
 Títiro prendeu, pendurando o ladrão no meio do redil.

**75** Aceita, não hesites, uma e outra mão mereceu o castigo.  
 Com essas, porém, com essas mesmas mãos muitas vezes  
 para ti os pombos, muitas vezes também uma lebre medrosa,  
 cuja mãe se despistou, depus em teu colo. Por mim te  
 couberam os primeiros lírios e as primeiras rosas: a custo  
**80** provara de fato a abelha a flor, enleavas-te com coroas.

<sup>61</sup> Vara de vimeiro flexível e dobradiça (SARAIVA. *Novíssimo dicionário latino-português*, p. 1277).

aurea sed forsán mendax tibi munera iactat,  
 qui metere occidua ferales nocte lupinos  
 dicitur et cocto pensare legumine panem:  
 qui sibi tunc felix, tunc fortunatus habetur,  
**85** uilia cum subigit manualibus hordea saxis.  
 quod si turpis amor precibus, quod abominor, istis  
 obstiterit, laqueum miseri nectemus ab illa  
 ilice, quae nostros primum uiolauit amores.  
 hi tamen ante mala figentur in arbore uersus:  
**90** "credere, pastores, leuibus nolite puellis;  
 Phyllida Mopsus habet, Lycidan habet ultima rerum".  
 nunc age, si quicquam miseris succurris, Iolla,  
 perfer et exora modulato Phyllida cantu.  
 ipse procul stabo uel acuta carice tectus  
**95** uel proprius latitans uicina sepe sub horti.  
**I** ibimus: et ueniet, nisi me praesagia fallunt.  
 nam bonus a! dextrum fecit mihi Tityrus omen,  
 qui redit inuenta non irritus ecce iuuenca.

Mas talvez te lance o mentiroso áureos presentes,  
 ele que dizem colher, ao declínio da noite, funestos<sup>62</sup>  
 tremoços<sup>63</sup> e, com favas<sup>64</sup> cozidas, compensar o pão:  
 ele que então feliz, então afortunado se considera,  
**85** quando mói com a mão na pedra a vil cevada.  
 Mas, se um torpe amor será obstáculo para esses  
 pedidos, o que eu repilo, triste atarei uma corda naquela  
 azinheira, que primeiro profanou nossos amores.  
 Mas estes versos serão antes inscritos na árvore malfazeja:  
**90** 'Ó, pastores, não acrediteis nas moças inconstantes;  
 Mopso tem Fílis, o fim derradeiro tem Lícidas".  
 Agora vai, Iolas, se dás algum socorro aos infelizes,  
 leva a carta e abrande Fílis com formosíssimo canto.  
 Eu ficarei de lado, ou coberto pelas taboas<sup>65</sup> pontudas  
**95** ou mais perto, oculto sob a sebe próxima ao jardim.  
**I** Iremos: e ela virá, se não me enganam os presságios,  
 pois o bom Títiro ah! deu-me um bom sinal,  
 eis que retorna, com êxito, com a novilha encontrada.

<sup>62</sup> O adjetivo "funesto", *feralis* em latim, parece aludir à planta que se utilizava nos banquetes funerários. Mas também, devido a seu amargor, poderia ser uma variante poética do adjetivo *tristis* ('amargo'). De toda forma, sua menção nessa passagem indica a extrema pobreza de Mopso (GRATIO *et al.* *Poesía latina pastoril, de caza y pesca*, p. 96).

<sup>63</sup> "Planta leguminosa provavelmente originária da Península Balcânica, bastante cultivada na região mediterrânea, Macaronésia, centro e sudeste da Europa, Rússia, norte de África, África do Sul, Austrália e América, para alimentação humana e animal. Subespontânea em searas, campos e lugares arenosos, em solos ácidos". Disponível em: <<http://goo.gl/kL1ThD>>.

<sup>64</sup> Plantas leguminosas.

<sup>65</sup> Tipo de planta que apresenta espigas e folhas compridas.

## Bucólica IV

Baseada nas éclogas III, IV e VI de Virgílio,<sup>66</sup> esta bucólica cantará a Idade de Ouro,<sup>67</sup> intenção expressa por Córidon já na introdução do poema (v. 5-8). Assim, ele e seu irmão Amintas iniciam um canto amebau, tendo Melibeu como árbitro (v. 78-81). Os pastores celebram, então, o regresso da Idade Áurea, um período lendário governado pelo deus Saturno (ou Cronos, na mitologia grega), em que os homens desfrutam de plena harmonia entre si e com a natureza (v. 112-136). Celebram também “o jovem deus” (v. 137-146), possível menção ao imperador Nero, divinizado nesta bucólica de cunho político, justamente para enaltecer o imperador e seus projetos de governo.<sup>68</sup>

<sup>66</sup> CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 77.

<sup>67</sup> Cf. CERQUEIRA. A Idade de Ouro na écloa IV de Virgílio e IV de Calpúrnio Sículo, p. 587-597.

<sup>68</sup> Cf. REBELLO. Calpúrnio Sículo e suas bucólicas I, IV e VII: uma visão política do império neroniano, p. 2460-2470, acerca da Idade de Ouro e do cunho político desta.

## MELIBOEUS: CORYDON: AMYNTAS

**Meliboeus** *Quid tacitus, Corydon, uultuque subinde minaci  
quidue sub hac platano, quam garrulus adstrepit umor,  
insueta statione sedes? iuuat algida forsan  
ripa leuatque diem uicini spiritus amnis?*

5 **Corydon** *carmina iam dudum, non quae nemorale resultent,  
uoluimus, o Moliboe; sed haec, quibus aurea possint*

*saecula cantari, quibus et deus ipse canatur,  
qui populos urbesque regit pacemque togatam.*

10 **M** *dulce quidem resonas, nec te diuersus Apollo  
despicit, o iuuenis, sed magnae numina Romae  
non ita cantari debent, ut ouile Menalcae.*

**C** *quicquid id est, siluestre licet uideatur acutis  
auribus et nostro tantum memorabile pago;  
nunc mea rusticitas, si non ualet arte polita*

15 *carminis, at certe ualeat pietate probari.  
rupe sub hac eadem, quam proxima pinus obumbrat,  
haec eadem nobis frater meditatur Amyntas,  
quem uicina meis natalibus admouet aetas.*

20 **M** *iam puerum calamos et odorae uincola cerae  
iungere non cohibes, leuibus quem saepe cicutis*

## MELIBEU: CÓRIDON: AMINTAS

**Melibeu** Por que taciturno, Córidon, e com o rosto continuamente ameaçador, ou por que sob este plátano, que murmurante rio perturba, tu te sentas em desusado lugar? Agrada, quiçá, a margem fria e alivia a brisa do rio vizinho o calor diurno?

5 **Córidon** Poemas há muito, não para repercutirem o som do bosque, rumino, ó Melibeu; mas poemas com que possam ser cantados os séculos áureos e com que seja celebrado o próprio deus, que rege os povos e as cidades e a paz togada.<sup>69</sup>

**M** Docemente, decerto, ressoas, nem Apolo<sup>70</sup> hostil

10 te desdenha, ó jovem, mas os deuses da grande Roma não devem ser celebrados assim, como o redil de Menalcas.

**C** O que quer que isto seja, embora pareça rude aos aguçados ouvidos e apenas à nossa aldeia memorável,

agora minha rusticidade, se não vale pela arte refinada

15 do canto, possa, contudo, louvar-se por ser fiel.<sup>71</sup>

Sob esta mesma rocha, que um pinheiro próximo sombreia, os mesmos cantos que nós urde meu irmão Amintas, uma idade próxima avizinha-o de meu aniversário.

20 **M** Agora não impedes que o menino una as canas e os liames da perfumada cera, ele a quem amiúde coibiste com paterna

<sup>69</sup> A toga era uma indumentária tradicional romana. "A alusão à paz 'vestida de toga' reveste-se de um duplo significado. Por um lado a toga era o símbolo da paz. A este fato se refere Cícero num dos seus poemas, de que temos um fragmento, quando escreve: 'que as armas cedam à toga' (Frag. 16, *Fragmenta poetarum Latinorum et lyricorum praeter Ennium et Lucillum*, Ed. W. Morel, Stuttgartiae, 1975). [...] Por outro lado, a toga era também símbolo de Roma. A essa realidade alude Virgílio, quando na sua *Eneida* denomina o povo romano 'nação togada' (1, 282)" (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 116).

<sup>70</sup> Apolo é o deus da poesia e da música. Também é chamado de deus do Sol e possui dois epítetos comuns: Febo e Cíntio. É representado, na escultura, na pintura e na literatura, como um jovem esbelto, geralmente com uma cítara à mão ou uma aljava de flechas às costas. Beato (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 117) explica que Apolo, nesta écloga IV de Calpúrnio, "deve designar o imperador Nero já que este possuía igualmente o epíteto de Apolo".

<sup>71</sup> Traduzimos *pietas* por 'ser fiel', mas lembramos que o sentido dessa palavra é, em latim, bastante amplo: designa especialmente o amor à pátria e seus valores. Esse patriotismo impulsiona Córidon a regozijar-se pela paz, pois ele teria temido uma guerra civil (CALPURNIUS SICULUS. *Bucoliques*, p. 107).

*ludere conantem uetuisti fronte paterna?  
 dicentem, Corydon, te non semel ista notauit:  
 "frange, puer, calamos et inanes desere Musas;  
 i, potius glandes rubicundaque collige corna,  
 25 duc ad mulctra greges et lac uenale per urbem  
 non tacitus porta. quid enim tibi fistula reddet,  
 quo tutere famem? certe mea carmina nemo  
 praeter ab his scopulis uentosa remurmurat echo".  
 C haec ego, confiteor, dixi, Meliboee, sed olim:  
 30 non eadem nobis sunt tempora, non deus idem.  
 spes magis arridet: certe ne fraga rubosque  
 colligerem uiridique famem solarer hibisco,  
 tu facis et tua nos alit indulgentia farre;  
 tu nostras miseratus opes docilemque iuuentam  
 35 hiberna prohibes ieiunia soluere fago.  
 ecce nihil querelum per te, Meliboee, sonamus;  
 per te secura saturi recubamus in umbra  
 et fruimur siluis Amaryllidos, ultima nuper  
 litora terrarum, nisi tu, Meliboee fuisses,  
 40 ultima uisuri trucibusque obnoxia Mauris  
 pascua Geryonis, liquidis ubi cursibus ingens  
 dicitur occiduas impellere Baetis harenas.  
 Scilicet extremo nunc uilis in orbe iacerem,  
 a dolor! et pecudes inter conductus Iberas  
 45 irrita septena modularer sibila canna;*

gravidade, tentando brincar com canudos delicados? Não só  
 uma vez, Córídon, notei-te a dizer estas palavras: "Quebra,  
 menino, a flauta de cana e abandona as Musas vãs;  
 vai, antes colhe bolotas e rubros pilritos,<sup>72</sup> conduze os  
 25 rebanhos aos tarros<sup>73</sup> e, não taciturno, pela cidade leva o leite a  
 vender. O que, com efeito, dar-te-á a flauta para te protegeres  
 da fome? Decerto meus poemas ninguém, exceto o eco  
 carregado de ventos, responde murmurando desses rochedos".  
 C Eu mesmo, confesso, disse essas palavras, Melibeu, mas  
 30 outrora: não são os mesmos os tempos para nós, nem o mesmo  
 o deus. Sorri mais a esperança: decerto, que eu não colhesse  
 medronhos<sup>74</sup> e framboesas nem acalmasse a fome com o verde  
 hibisco é tua obra, e tua indulgência nos alimenta com trigo;  
 tu, apiedado de nossos meios e instruída juventude, impedes  
 35 que eu quebre o jejum, no inverno, com a faia.  
 Eis que nenhuma queixa, graças a ti, Melibeu, fazemos;  
 graças a ti, repousamos saciados em segura sombra,  
 e usufruímos dos bosques de Amarílis. As últimas, há pouco,  
 praias da terra, não tivesses sido tu, Melibeu, as últimas  
 40 veríamos e, expostas aos ferozes mouros, as pastagens  
 de Gerião,<sup>75</sup> onde, com límpidas correntes, o enorme  
 Bétis<sup>76</sup> (contam) impele as areias ocidentais.  
 Naturalmente, agora eu jazeria humilde nos confins do mundo,  
 ai dor! e, levado entre animais ibéricos,  
 45 modularia na flauta de cana sétupla silvos vãos.

<sup>72</sup> Comer bolotas e outros frutos não cultivados era indício de pobreza (GRATIO *et al.* *Poesía latina pastoril, de caza y pesca*, p. 99).

<sup>73</sup> Tarros: recipientes em que se conserva o leite ordenhado.

<sup>74</sup> O medronho é o fruto do medronheiro, uma "árvore ou arbusto de folha perene, de pequeno porte, tronco tortuoso e casca fendilhada, que pode atingir um crescimento entre cinco a dez metros de altura". Disponível em: <<http://goo.gl/nc0gty>>.

<sup>75</sup> Gerião é o gigante de três corpos que reinava na Ibéria, e cujos bois Hércules roubou (CALPURNIUS SICULUS. *Bucoliques*, p. 108).

<sup>76</sup> Maior rio de Andaluzia, comunidade autônoma da Espanha Meridional ou Bética. Hoje é designado pelo nome de origem árabe, Guadalquivir (SARAIVA. *Novíssimo dicionário latino-português*, p. 137).



*nec quisquam nostras inter dumeta Camenas  
respiceret; non ipse daret mihi forsitan aurem,  
ipse deus uacuam, longeque sonantia uota  
scilicet extremo non exaudiret in orbe.*

**50** *sed nisi forte tuas melior sonus aduocat aures  
et nostris aliena magis tibi carmina rident,  
uis, hodierna tua subigatur pagina lima?  
nam tibi non tantum uenturos dicere nimbos  
agricolis qualemque ferat sol aureus ortum*

**55** *attribuere dei, sed dulcia carmina saepe  
concinis, et modo te Baccheis Musa corymbis  
munerat et lauro modo pulcher obumbrat Apollo.  
quod si tu faueas trepido mihi, forsitan illos  
experiar calamos, here quos mihi doctus Iollas*

**60** *donauit dixitque: "truces haec fistula tauros  
conciliat: nostroque sonat dulcissima Fauno.  
Tityrus hanc habuit, cecinit qui primus in istis  
montibus Hyblaea modulabile carmen auena".*  
**M** *magna petis, Corydon, si Tityrus esse laboras.*

**65** *Ille fuit uates sacer et qui posset auena*

Ninguém entre as sarças observaria nossas Camenas;  
ele próprio talvez não me daria atentos ouvidos, o próprio  
deus, e os votos que ressoam ao longe,  
naturalmente, não ouviria nos confins do mundo.

**50** Mas, se acaso um som mais refinado não convida teus ouvidos  
e os poemas de outros não te sorriem mais que os nossos,  
queres que a página hodierna seja polida por tua lima?  
Na verdade, a ti, não só dizer aos agricultores as nuvens  
vindouras e qual alvorada o sol dourado traz atribuíram  
**55** os deuses, mas também, muitas vezes, doces poemas cantas,  
e ora te gratifica a Musa com cachos de hera báquica,<sup>77</sup>  
ora sombreia o belo Apolo com o louro.  
Mas se tu favorecesses a mim, que receio, talvez  
experimentasse aquela flauta de cana que ontem o douto Iolas  
**60** me deu ao dizer: "Esta flauta touros ferozes concilia  
e soa dulcíssima ao nosso Fauno.  
Títiro a possuiu, ele que primeiro cantou, nesses montes,  
poemas harmoniosos com a avena do Hibla".<sup>78</sup>  
**M** Buscas grandes façanhas, Córídon, se te esforças para ser  
**65** Títiro. Ele foi um vate sagrado e que podia, na avena, ressoar

<sup>77</sup> Baco e Apolo são deuses associados à inspiração poética. Os "cachos de hera" ou corimbos são associados a Baco como o louro, com que se coroavam poetas, o é a Apolo. Beato acredita que "o fato de tanto os corimbos como os louros conservarem a sua cor verde, ao longo de todo o ano, poderá significar que a referência a tais plantas contém aqui um louvor à juventude, à força criadora, à inspiração poética" (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 121). Baco era o deus do vinho e do delírio místico, enquanto Apolo era o deus da poesia, da música e das artes. "O próprio loureiro, que sob a forma de louro nos aparece associado a Apolo, é igualmente o símbolo do vinho. Ora, no pensar de vários poetas, o vinho era indispensável à inspiração literária. Daqui que a associação dos corimbos de Baco e dos louros de Apolo tenha a justificá-la a existência de um elemento em comum: a criação poética" (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 121).

<sup>78</sup> "O Hibla é uma montanha da Sicília conhecida por suas abelhas e que representa aqui a pátria de Teócrito [modelo de Virgílio]: a avena [ou flauta] do Hibla é a imagem da poesia pastoral" (tradução de Luana Cerqueira para CALPURNIUS SICULUS. *Bucoliques*, p. 109).



*praesonuisse chelyn, blanda cui saepe canenti  
allusere ferae, cui substitit aduena quercus.  
quem modo cantantem rutilo spargebat acantho  
Nais et implicitos comebat pectine crines.*

**70** **C** est – fateor, Meliboee, - deus: sed nec mihi Phoebus  
forsitan abnuerit; tu tantum commodus audi:  
scimus enim, quam te non aspernetur Apollo.  
**M** incipe, nam faueo; sed prospice, ne tibi forte  
tinnula tam fragili respiret fistula buxo,

**75** *quam resonare solet, si quando laudat Alexin.  
hos potius, magis hos calamos sectare: canales  
exprime qui dignas cecinerunt consule siluas.  
Incipe, ne dubita. uenit en et frater Amyntas:  
cantibus iste tuis alterno succinet ore.*

**80** *ducite, nec mora sit, uicibusque reducite carmen;  
tuque prior, Corydon, tu proximus ibis, Amynta.  
C ab Ioue principium, si quis canit aethera, sumat,  
si quis Atlantiaci pondus molitur Olympi:  
at mihi, qui nostras praesenti numine terras*

**85** *perpetuamque regit iuuenili robore pacem,  
laetus et augusto felix arrideat ore.  
A me quoque facundo comitatus Apolline Caesar  
respiciat, montes neu dedignetur adire,  
quos et Phoebus amat, quos Iuppiter ipse tuetur:*

**90** *in quibus Augustos uisuraque saepe triumphos*

mais do que a lira, ele com quem amiúde, ao cantar, feras  
dóceis brincaram; para ele, implantou-se o carvalho forasteiro.  
A ele, apenas cantando, espargia uma Náíade com o rubro  
acanto<sup>79</sup> e penteava seus cabelos emaranhados com um pente.

**70** **C** É ele – confesso, Melibeu – um deus: mas talvez Febo não  
o recusará a mim; tu, apenas ouve com benevolência:  
sabemos, com efeito, como Apolo não te despreza.  
**M** Começa: com efeito, favoreço-te; mas atenta para que,  
acaso, tua flauta aguda não sobre com buxo<sup>80</sup> tão frágil quanto  
costuma ressoar, se alguma vez elogia Aléxis.

**75** Esta, antes, esta flauta de cana adota, de preferência, e sopra  
os tubos que cantaram bosques dignos de um cônsul.  
Começa, não hesites. E eis que vem teu irmão Amintas:  
aos teus cantos responda ele com fala alternada.

**80** Conduzi, sem demora seja, e retomai em alternância o canto;  
E tu primeiro, Córidon; tu irás em seguida, Amintas.  
**C** O começo em Júpiter,<sup>81</sup> se alguém canta o éter, tome,  
se alguém desloca o peso do Olimpo de Atlas:<sup>82</sup>  
mas, para mim, aquele que rege nossas terras com divina  
presença e a paz perpétua com vigor juvenil,  
alegre e feliz, ofereça um sorriso com lábios augustos.

**85** **A** Para mim também César, acompanhado pelo eloquente  
Apolo, olhe favorável, e que não desdenhe aproximar-se  
dos montes que também Febo ama, de que o próprio Júpiter cuida:

**90** Neles frutifica o louro prestes a ver, amiúde,

<sup>79</sup> "Herbácea ereta, perene, originária da Europa, de 50-80 cm. de altura". Folhas "simples", "inflorescências eretas, dispostas acima da folhagem, com numerosas flores de cores variadas". "As folhas dos acantos inspiraram os motivos decorativos dos capitéis das colunas gregas" (LORENZI. *Plantas para jardim no Brasil: herbáceas, arbustivas e trepadeiras*, p. 76).

<sup>80</sup> "A madeira de buxo, que se segue empregando para fabricar instrumentos musicais, é todo o contrário de frágil", o que indica que Calpúrnio imitou Virgílio, *écloga V*, v. 85-86, onde se qualifica [de frágil] uma flauta feita de talo de cicuta (tradução de Luana Cerqueira para GRATIO *et al. Poesia latina pastoril, de caza y pesca*, p. 102). "Hac te nos fragili donabimus ante cicuta" (Virgílio, *écloga V*, v. 85-86). Em tradução de Luana Cerqueira: "nós te presentaremos antes com esta frágil flauta de cicuta". Grifos de Luana Cerqueira.

<sup>81</sup> Júpiter (ou Zeus na mitologia grega) era o senhor dos deuses e dos homens. Filho de Reia e Saturno (Cronos), irmão de Netuno (Posídon), Plutão (Hades), Ceres (Deméter), Vesta (Héstia) e Juno (Hera), essa última, também sua esposa.

<sup>82</sup> Atlas, na mitologia, foi um titã que já havia sido o rei dos deuses antes de Zeus. Por ter confrontado Zeus, foi punido, forçado a carregar o peso dos céus sobre os ombros (BAILEY *et al. Mitologia: mitos e lendas de todo o mundo*, p. 130-131).

- laurus fructificat uicinaque nascitur arbos.*  
**C** *ipse polos etiam qui temperat igne geluque,  
 Iuppiter ipse parens, cui tu iam proximus ipse,  
 Caesar, abes, posito paulisper fulmine saepe*  
**95** *Cresia rura petit uiridique reclinis in antro  
 carmina Dictaeis audit Curetica siluis.*  
**A** *adspicis, ut uirides audito Caesare siluae  
 conticeant? Memini, quamuis urgente procella  
 sic nemus immotis subito requiescere ramis,  
 100* *et dixi: "deus hinc, certe deus expulit euros".  
 nec mora; Parrhasiae sonuerunt sibila cannae.*  
**C** *adspicis, ut teneros subitus uigor excitet agnos?  
 utque superfuso magis ubera lacte grauentur?  
 et nuper tonsis exundent uellera fetis?*  
**105** *hoc ego iam, memini, semel hac in ualle notau  
 et uenisse Palen pecoris dixisse magistros.*  
**A** *scilicet omnis eum tellus, gens omnis adorat,  
 diligiturque deis, quem sic taciturna uerentur  
 arbuta, cuius iners audito nomine tellus*  
**110** *incaluit floremque dedit; cui silua uocato  
 densat odore comas, stupefacta regerminat arbos.*  
**C** *illius ut primum senserunt numina terrae,  
 coepit et uberius sulcis fallentibus olim  
 luxuriare seges tandemque legumina plenis*  
**115** *uix resonant siliquis; nec praefocata malignum*

- augustos triunfos, e nasce próximo uma árvore.  
**C** Ele próprio, que modera os polos com o calor e com o gelo,  
 o próprio pai Júpiter, de quem tu próprio agora, César, estás  
 próximo, deixando por um momento o raio, amiúde busca  
**95** os campos cretenses e, reclinado em verde gruta, ouve  
 os poemas dos curetes nos bosques de Dicte.<sup>83</sup>  
**A** Vês como, tendo ouvido o nome de César, as verdes matas  
 se calam? Eu me lembro, embora ameaçasse uma procela,  
 de que o bosque assim se aquietava de repente, sem mover  
**100** os ramos, e disse: "Um deus daqui, um deus decerto, retirou  
 os Euros". Sem demora, canas parrásias<sup>84</sup> deram silvos.  
**C** Vês como um súbito vigor excita os tenros cordeiros?  
 E como mais se oneram com o leite vertido os úberes  
 e ondulam os velos dos filhotes há pouco tosados?  
**105** Isso eu mesmo, agora me lembro, uma vez notei neste vale,  
 e que os mestres de rebanho disseram ter vindo Pales.  
**A** Sem dúvida, toda a terra, toda a gente o adora, e é amado  
 pelos deuses quem assim taciturnos medronheiros respeitam,  
 por quem, ouvindo o seu nome, a terra inerte se aqueceu e deu  
**110** flor; por quem, sendo chamado, o bosque multiplica suas copas  
 com agradável odor e, estupefata, uma árvore brota de novo.  
**C** Logo que as terras sentiram sua divindade,  
 começou a exuberar mais rica a seara, sendo outrora enganoso  
 os sulcos; e, enfim, a custo ressoam as favas nas vagens cheias;  
**115** nem a messe estrangulada tem o joio daninho,

<sup>83</sup> "De acordo com uma lenda, Cronos (Saturno), receoso de que os filhos o suplantassem no exercício do poder, entregou-se à tarefa de os eliminar. Assim, depois de dar a morte a Hera, Deméter, Hades, Posídon e Héstia chegou a vez de devorar o recém-nascido Zeus (Júpiter). No intuito de livrar o filho mais novo da ferocidade paterna, Reia, sua mãe, recorreu a um stratagem: apresentou a Cronos uma pedra envolta em cueiros, que este devorou, julgando tratar-se de Zeus. Não satisfeita com isto, Reia entregou o filho aos cuidados das Ninfas e dos Curetes, numa gruta do monte Dicte, na ilha de Creta. As Ninfas tinham por missão alimentá-lo e educá-lo. Os Curetes, seres meio sacerdotes meio guerreiros, tinham por tarefa abafar, com o ruído das suas danças, os vagidos do recém-nascido, de forma a impedir que eles chegassem aos ouvidos do pai. Tarefa que executaram com maestria, recorrendo, para o efeito, ao som de flautas, de címbalos e de instrumentos guerreiros" (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 123).

<sup>84</sup> Parrásia era uma cidade existente na Arcádia.

- messis habet lolium nec inertibus albet auenis.*  
**A** iam neque damnatos metuit iactare ligones  
 fossor et inuento, si fors dedit, utitur auro;  
 nec timet, ut nuper, dum iugera uersat arator,  
**120** ne sonet offenso contraria uomere massa,  
 iamque palam presso magis et magis instat aratro.  
**C** ille dat, ut primas Cereri dare cultor aristas  
 possit et intacto Bromium perfundere uino,  
 ut nudus ruptas saliat calcator in uuas  
**125** utque bono plaudat paganica turba magistro,  
 qui facit egregios ad peruia compita ludos.  
**A** ille meis pacem dat montibus: ecce per illum,  
 seu cantare iuuat seu ter pede lenta ferire  
 gramina, nullus obest: licet et cantare choreis  
**130** et cantus uiridante licet mihi condere libro,  
 turbida nec calamos iam surdant classica nostros.  
**C** numine Caesareo securior ipse Lycaeus  
 Pan recolit siluas et amoena Faunus in umbra  
 securus recubat placidoque in fonte lauatur  
**135** Nais et humanum non calcatura cruorem

nem branqueja com aveias estéreis.<sup>85</sup>

- A** Agora não receou o escavador agitar enxadas criminosas e, se a sorte o concedeu, serve-se do ouro encontrado.  
 Nem teme o lavrador, como há pouco, enquanto revolve jeiras, **120** que ressoe um volume inimigo, ao molestar-se a relha; e já, abertamente, debruça-se mais e mais ao arado pressionado.  
**C** Ele propicia que o cultivador possa dar as primeiras arestas a Ceres<sup>86</sup> e banhar Brômio<sup>87</sup> em vinho puro, que o lagareiro nu pule sobre uvas rompidas **125** e que o povo aldeão aplauda seu bom líder, que prepara jogos<sup>88</sup> egrégios junto de abertos cruzamentos.  
**A** Ele propicia a paz a meus montes: eis que, graças a ele, apraz quer cantar, quer três vezes<sup>89</sup> com o pé ferir a relva macia, ninguém se opõe: é lícito também cantar com coreus<sup>90</sup> e é lícito para mim guardar os cantos em verde cortiça, **130** nem agora abafam trombetas furiosas nossa flauta de cana.  
**C** O próprio Pã Liceu,<sup>91</sup> mais seguro pela divindade de César, retoma os bosques e, em sombra amena, o Fauno se deita em segurança; em plácida fonte, lava-se a Náíade, **135** e Oréade<sup>92</sup> veloz corre de pés secos pelas serras,

<sup>85</sup> "Tanto o joio como a aveia são gramíneas, que crescidas juntamente com os cereais os abafam e asfixiam" (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 124).

<sup>86</sup> "Deusa romana da vegetação, identificada com Deméter. O trigo era-lhe, particularmente, consagrado" (tradução de Luana Cerqueira para GRATIO *et al. Poesia latina pastoril, de caza y pesca*, p. 106).

<sup>87</sup> Um dos epítetos de Baco, que significa 'o ruidoso'. Como Ceres, é o deus da vegetação, mais precisamente das vinhas. São ambos os mais importantes deuses da agricultura, a tal ponto relacionados que eram chamados, respectivamente, de Líber e Líbera (GRATIO *et al. Poesia latina pastoril, de caza y pesca*, p. 106).

<sup>88</sup> Os "jogos" a que se refere esta passagem são festas populares chamadas *Compitalia*, celebrados nas "encruzilhadas" (*compita*). Foram instituídos por Sêrvio Túlio e realizados em honra dos Lares, deuses protetores das encruzilhadas. Enfim, era a festa dos escravos e outras classes mais baixas. Nero é, portanto, apresentado como protetor dos humildes (CALPURNIUS SÍCULUS. *Bucoliques*, p. 112)

<sup>89</sup> "In morem Salium ter quatient humum": "à maneira dos Sálíos, três vezes não de bater no chão". Segundo Amat (CALPURNIUS SÍCULUS. *Bucoliques*, p. 112), trata-se de uma dança de três tempos, de que fala Horácio em *Carmina*, IV, 1, 28 (tradução de Luana Cerqueira).

<sup>90</sup> Coreu ou troqueu: pé métrico de uma sílaba longa e uma breve; ou três sílabas breves.

<sup>91</sup> "O apelido Liceu, aqui atribuído ao deus dos pastores e dos rebanhos representado como um ser meio homem meio animal, provém do monte Liceu, monte dos lobos, onde o referido deus possuía um culto muito relevante" (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 125).

<sup>92</sup> Divindade das montanhas. Oréade aparece, neste passo, em oposição a Náíade, à semelhança do que acontece na *Écloga II*, 14, só que, neste caso, a oposição se verifica entre as Driades e as Náíades ("as Driades de pé seco, de úmido, as Náíades") (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 125).

*per iuga siccato uelox pede currit Oreas.*  
**A** di, precor, hunc iuuenem, quem uos (neque fallor) ab ipso  
aethere misistis, post longa reducite uitae  
tempora uel potius mortale resoluite pensum  
**140** et date perpetuo caelestia fila metallo:  
sit deus et nolit pensare palatia caelo!  
**C** tu quoque mutata seu Iuppiter ipse figura,  
Caesar, ades seu quis superum sub imagine falsa  
mortalique lates (es enim deus): hunc, precor, orbem,  
**145** hos, precor, aeternus populos rege! sit tibi caeli  
uillis amor coeptamque, pater, ne desere pacem!  
**M** rustica credebam nemorales carmina uobis  
concessisse deos et obesis auribus apta;  
uerum, quae paribus modo concinuistis auenis,  
**150** tam liquidum, tam dulce cadunt, ut non ego malim,  
quod Paeligna solent examina lambere nectar.  
**C** o mihi quae tereti decurrunt carmina uersu  
tunc, Meliboee, sonent si quando montibus istis  
dicar habere Larem, si quando nostra uidere  
**155** pascua contingat! uellit nam saepius aurem  
inuida paupertas et dicit: "ouilia cura!"  
at tu, si qua tamen non aspernanda putabis,  
fer, Meliboee, deo mea carmina: nam tibi fas est  
sacra Palatini penetralia uisere Phoebi.  
**160** Tum mihi talis eris, qualis qui dulce sonantem

sem haver de pisar em sangue humano.

**A** Deuses, peço, este jovem, que vós (não me engano) do próprio  
céu mandastes, chamai depois de longo tempo de vida,  
ou antes desfazei a roçada mortal  
**140** e dai-lhe fios celestes,<sup>93</sup> de metal perpétuo:  
seja um deus e não queira trocar o palácio pelo céu!  
**C** Tu também, César, quer estejas presente, Júpiter em pessoa  
sob forma alterada, quer te escondas como algum dos deuses  
sob a imagem falsa e de um mortal (és, com efeito, um deus),  
**145** este mundo, rogo, estes povos, rogo, rege eternamente! Seja-te  
vil o amor ao céu e não abandones, ó pai, a paz iniciada!  
**M** Eu acreditava os deuses dos bosques terem concedido  
a vós cantos rústicos e adequados a ouvidos grosseiros;  
Mas o que há pouco cantastes com avenas iguais tão límpido,  
**150** tão doce soa que eu mesmo não preferiria lambar o néctar  
que costumam lambar os enxames dos pelignos.<sup>94</sup>  
**C** Ó, meus poemas que deslizam por verso delicado  
então, Melibeu, ressoariam se alguma vez nesses montes  
dissessem que tenho um Lar, se alguma vez ver minhas  
**155** pastagens me fosse concedido! Inúmeras vezes, na verdade,  
pela orelha me puxa a odiosa pobreza e diz: "Cuida dos redis!"  
Mas tu, porém, se julgares que não devem ser desprezados,  
leva, Melibeu, meus poemas ao deus: é-te lícito, com efeito,  
contemplar o santuário de Febo no Palatino.<sup>95</sup>  
**160** Então, para mim serás como aquele que levou Títiro, a ressoar

<sup>93</sup> Alusão ao fio com que as Parcas fiavam e delimitavam a duração da vida dos seres humanos. Eram elas chamadas Cloto, Láquesis e Átropos. Assistiam a vários momentos da vida. Cloto assistia ao nascimento, ao curso da vida, Láquesis e Átropos ao fim (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 125).

<sup>94</sup> Alusão a Ovídio, que nasceu em Sulmona, na região dos pelignos; segundo Amat (CALPURNIUS SICULUS. *Bucoliques*, p. 113), a comparação pode relacionar-se às súplicas que Ovídio dirige a Augusto, nos *Tristia*.

<sup>95</sup> Amat defende um possível jogo de palavras: "havia ao mesmo tempo sobre o Palatino um templo de Apolo e o palácio do imperador, assimilado ele mesmo ao deus protetor das Musas, como no v. 87. Além disso, esse verso identifica Melibeu como um familiar do palácio imperial" (tradução de Luana Cerqueira para CALPURNIUS SICULUS. *Bucoliques*, p. 114).

*Tityron e siluis dominam deduxit in urbem  
ostenditque deos et "spreto" dixit "ouili,  
Tityre, rura prius, sed post cantabimus arma".*

**165** *A respiciat nostros utinam fortuna labores  
pulchrior et merita faueat deus ipse iuuentae!  
nos tamen interea tenerum mactabimus haedum  
et pariter subitae peragemus fercula cenae.  
nunc ad flumen oues deducite: iam fremit aestas,  
iam sol contractas pedibus magis admouet umbras.*

docemente, dos bosques para a cidade soberana  
e mostrou-lhe os deuses, dizendo: "Despreza o redil,  
Títiro, antes os campos, mas depois cantaremos as armas".<sup>96</sup>

**165** **A** Tomara que uma sorte mais propícia atente aos nossos  
esforços e o próprio deus favoreça o mérito da juventude!  
Contudo, enquanto isso, sacrificaremos um tenro cabrito  
e, igualmente, providenciaremos os pratos de improvisado jantar.  
**M** Agora conduzi as ovelhas ao rio: o verão já palpita, já o sol  
aproxima as sombras contraídas de nossos pés.

<sup>96</sup> Alusão ao gênero épico (as armas) em oposição ao bucólico (os campos). Calpúrnio Sículo possivelmente se refere ao poeta Virgílio sob o nome do pastor Títiro, tendo esse poeta sido enaltecido nos vv. 64-69. Nesse mesmo passo estão Duff e Duff (PUBLILIUS SYRUS *et al.* *Minor Latin Poets*, p. 249), Amat (CALPURNIUS SICULUS. *Bucoliques*, p. 109), Beato (CALPURNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 109) e Rodríguez (GRATIO *et al.* *Poesía latina pastoril, de caza y pesca*, p. 102).

## Bucólica V

Esta écloga se estrutura sob a forma de um longo monólogo que se inicia após uma breve introdução, em que são apresentados o jovem Canto e o velho Mícon (v. 1-4). Esse lhe dá preceitos sobre os assuntos do campo: como aplacar os deuses, de modo que lhe sejam favoráveis (v. 25-28), qual o melhor momento de fazer a ordenha (v. 32-35), quando apascentar os rebanhos (v. 56-65) etc. A tais preceitos se deve o caráter didático-pastoril desta écloga em particular. Por essa razão, Beato<sup>97</sup> explica que esta bucólica é baseada nas *Geórgicas* de Virgílio (III, 295-456), e na obra técnica de Varrão e Columela.

O poema começa sob um “tórrido sol” (v. 2) e finda com o cair da noite (v. 120-121), o que confirma a impressão de um longo monólogo, que se detém em explicações sobre os labores do campo e admoestações.

<sup>97</sup> CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 85.

## MICON

*Forte Micon senior Canthusque, Miconis alumnus,  
torrentem patula uitabant ilice solem,  
cum iuueni senior praecepta daturus alumno  
talía uerba refert tremulis titubantia labris:*

- 5** *"quas errare uides inter dumeta capellas  
Canaque lasciuo concidere gramina morsu,  
Canthe puer, quos ecce greges a monte remotos  
cernis in aprico decerpere gramina campo,  
hos tibi do senior iuueni pater: ipse tuendos*
- 10** *accipe. iam certe potes insudare labori,  
iam pro me gnauam potes exercere iuuentam.  
adspicis ut nobis aetas iam mille querellas  
afferat et baculum premat inclinata senectus?  
sed qua lege regas et amantes lustra capelas*
- 15** *et melius pratis errantes mollibus agnas, percipe.  
uere novo, cum iam tinnire uolucres  
incipient nidosque reuersa lutabit hirundo,  
protinus hiberno pecus omne mouebis ouili.  
tunc etenim melior uernanti germine silua*
- 20** *pullat et aestiuas reparabilis incohat umbras,  
tunc florent saltus uiridisque renascitur annus,  
tunc Venus et calidi scintillat feruor amoris  
lasciuumque pecus salientes accipit hircos.  
sed non ante greges in pascua mitte reclusos,*
- 25** *quam fuerit placata Pales. tum cespite uiuo*

## MÍCON

Acaso o velho Mícon e Canto, aluno de Mícon,  
evitavam o tórrido sol sob uma vasta azinheira,  
quando o velho, prestes a dar preceitos ao jovem aluno,  
profere tais palavras balbuciantes, com lábios trêmulos:

- 5** "As cabras que vês vagar entre os espinhos  
e retalhar com mordida lasciva claras ervas,  
ó jovem Canto, eis, as greis retornadas do monte  
que vês tolher relvas no campo ensolarado,  
como um velho pai, dou-os a ti, jovem: tu, recebe a teus  
cuidados. Já podes decerto suar com o labor,  
já podes excitar tua juventude ativa em meu lugar.  
Notas como a idade já mil queixas nos  
traz e a reclinada velhice pressiona o báculo?<sup>98</sup>  
Mas aprende com qual regra conduzir as cabras que amam  
os bosques e as ovelhas que melhor vagam nos macios prados.  
No começo da primavera, quando já começarem as aves  
a tilintar e a andorinha, retornando, cobrir de lodo seus ninhos,  
de pronto removerás todo o rebanho de seu redil hibernal.  
Então, com efeito, o bosque brota melhor com botões  
primaveris e, renovando-se, inicia sombras estivais,  
então florescem as clareiras e renasce o ano verdejante,  
então há Vênus e cintila o fervor do cálido amor,  
e o lascivo rebanho acolhe os bodes saltitantes.  
Mas não mandes as greis reclusas às pastagens antes  
que Pales tenha sido aplacada. Então, sobre verde relva, depõe

<sup>98</sup> Cajado usado pelos pastores para conduzir o rebanho.



pone focum geniumque loci Faunumque Laresque  
 salso farre uoca; tepidos tunc hostia cultros  
 imbuat: hac etiam, dum uiuit, ouilia lustra.  
 nec mora, tunc campos ouibus, dumeta capellis  
**30** orto sole dabis, simul hunc transcendere montem  
 coeperit ac primae spatium tepefellerit horae.  
 at si forte uaces, dum matutina relaxat  
 frigora sol, tumidis spumantia mulctra papillis  
 implebit quod mane fluet; rursusque premetur  
**35** mane quod occiduae mulsura redegerit horae.  
 parce tamen fetis: ne sint compendia tanti,  
 destruat ut niueos uenalis caseus agnos;  
 nam tibi praecipuo fetura coletur amore.  
 te quoque non pudeat, cum serus ouilia uises,  
**40** si qua iacebit ouis partu resoluta recenti,  
 hanc umeris portare tuis natosque tepenti  
 ferre sinu tremulos et nondum stare paratos.  
 nec tu longinquas procul a praesepibus herbas  
 nec nimis amotae sectabere pabula siluae,  
**45** dum peragit uernum Iouis inconstantia tempus.  
 ueris enim dubitanda fides: modo fronte serena  
 blandius arrisit, modo cum caligine nimbos  
 intulit et miseras torrentibus abstulit agnas.  
 at cum longa dies sitientes afferet aestus  
**50** nec fuerit uariante deo mutabile caelum,

um altar e o espírito do lugar,<sup>99</sup> o Fauno e os Lares com  
 salgado grão invoca; então, que uma vítima imbua as tépidas  
 lâminas: com ela, enquanto ainda vive, purifica<sup>100</sup> os redis.  
 Sem demora, então os campos às ovelhas, os espinhos  
**30** às cabras darás ao nascer do sol, logo que ele começar  
 a transpor este monte e aquecer o espaço da primeira hora.  
 Mas, se acaso tens tempo, enquanto o Sol desfaz o frio  
 matutino, o que pela manhã flui, com túmidos úberes encherá  
 tarros espumantes; e de novo se pressionará  
**35** cedo o que a ordenha da hora do poente recolher.  
 Poupa, todavia, as mães: não valham tanto os lucros  
 que o queijo a vender destrua os brancos cordeiros.  
 Seja, pois, protegida por ti a reprodução com amor especial.  
 Ao visitares cedo os redis, se alguma ovelha jazer fraca por  
**40** causa de um parto recente, também não te envergonhe levá-la  
 sobre teus ombros e carregar no peito aquecido os filhotes  
 trêmulos, que ainda não podem permanecer de pé.  
 Tu não procurarás longínquas ervas, longe dos currais,  
 nem as pastagens de um bosque remoto em demasia,  
**45** até a inconstância de Júpiter<sup>101</sup> perpassar o tempo primaveril.  
 Deve-se, pois, desconfiar da primavera: ora com uma fronte  
 serena sorriu mais branda, ora trouxe nuvens com cerração  
 e arrebatou as infelizes ovelhas com torrentes.  
 Mas, quando um longo dia trouxer verões sequiosos,  
**50** nem, mudando-se o deus,<sup>102</sup> o céu for mutável,

<sup>99</sup> Espírito do lugar (*genium loci*): “todos os lugares tinham seu gênio, que se manifestava habitualmente por meio de uma serpente” (tradução de Luana Cerqueira para GRATIO *et al.* *Poesia latina pastoril, de caça y pesca*, p. 111).

<sup>100</sup> *A lustratio*, isto é, a purificação dos redis, era uma prática realizada pelos pastores romanos, no início da primavera, em honra da deusa Pales. Esta purificação dos rebanhos era seguida de uma procissão e, finalmente, do sacrifício. O fogo e a água eram elementos fundamentais nesses ritos (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 128-129).

<sup>101</sup> Júpiter, o mais poderoso dos deuses, era o senhor dos céus. A ele eram associadas as tempestades, por isso muitas vezes era representado com um raio à mão (como vemos na *Écloga* IV, nos v. 92-95). Nessa passagem, portanto, a sua inconstância está associada à própria inconstância do tempo.

<sup>102</sup> Note-se, ainda nesse verso, a associação entre a inconstância do deus (“o deus mudando”) e do tempo (“o tempo variável”).



iam siluis committe greges, iam longius herbas  
 quaere; sed ante diem pecus exeat: umida dulces  
 efficit aura cibos, quotiens fugientibus euris  
 frigida nocturno tanguntur pascua rore  
**55** et matutinae lucent in gramine guttae.  
 at simul argutae nemus increpuere cicadae,  
 ad fontem compelle greges; nec protinus herbas  
 et campos permitte sequi, sed protegat illos  
 interea ueteres quae porrigit aesculus umbras.  
**60** uerum ubi declini iam nona tepescere sole  
 incipiet seraeque † uidebitur hora merendae,  
 rursus pasce greges et opacos desere lucos.  
 nec prius aestiuo pecus includatur ouili,  
 quam leuibus nidis somnos captare uolucris  
**65** cogitet et tremulo queribunda fritinniat ore.  
 cum iam tempus erit maturas demere lanas,  
 sucida iam tereti constringere uellera iunco,  
 hircorumque iubas et olentes caedere barbas,  
 ante tamen secerne pecus gregibusque notatis  
**70** consimiles include comis, ne longa minutis,  
 mollia ne duris coeant, ne candida fuscis.  
 sed tibi cum uacuas posito uelamine costas  
 denudauit ouis, circumspice, ne sit acuta  
 forpice laesa cutis, tacitum ne pustula uirus  
**75** texerit occulto sub uulnere: quae nisi ferro

agora entrega aos bosques as greis, agora busca  
 mais longe as ervas; mas, antes do dia, saia o rebanho: o úmido  
 ar torna bons os alimentos, quantas vezes, fugindo os Euros,  
 as frias pastagens são tocadas pelo orvalho noturno  
**55** e brilham na grama as gotas matutinas.

Mas, assim que estridentes<sup>103</sup> cigarras ressoaram nos bosques,  
 compele até a fonte as greis, não permitas seguirem  
 logo as ervas nem os campos, mas proteja-as enquanto  
 isso um ésculo<sup>104</sup> que espalha suas velhas<sup>105</sup> sombras.

**60** Mas, quando a nona hora já começar a arrefecer com  
 o sol em declínio e parecer a hora da refeição da tarde,  
 de novo apascenta as greis e deixa os sombrios bosques.  
 Não seja preso o rebanho no redil estival antes  
 que cogite a ave pegar no sono em seu leve ninho  
**65** e, queixosa, chilreie com o bico trêmulo.

Quando já for o tempo de tosar as prontas lãs  
 e de ligar gordurosos<sup>106</sup> velos com roliço junco,  
 e de tosar crinas e as barbas fétidas dos bodes,  
 antes separa o rebanho e, marcadas as greis,

**70** fecha os de velos semelhantes, para que longo com curto  
 não se misture, nem macio com duro, nem claro com escuro.  
 Mas, mostrando-te as costas nuas uma ovelha de tosado  
 velo, examina-a, para que não seja sua pele ferida  
 com aguda tesoura, para que uma pústula não cubra  
**75** tácito veneno sob oculta chaga: se não for rompida

<sup>103</sup> Quanto mais penoso o calor, mais estridentes são as cigarras; são mensageiras, portanto, da própria chegada do verão. Este mesmo fato aponta Beato (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 129).

<sup>104</sup> Espécie de carvalho, árvore de grande porte.

<sup>105</sup> Note-se aqui uma hipálage, figura de estilo que consiste em atribuir a um substantivo um adjetivo que semanticamente deveria estar ligado a outro nome. Ocorre, portanto, uma espécie de "transferência" do adjetivo de um substantivo a outro a que está ligado. Isto é, "um ésculo que espalha suas velhas sombras" por "um velho ésculo que espalha suas sombras".

<sup>106</sup> A lã obtida diretamente da tosquia era suja.

rumpitur, a! miserum fragili rubigine corpus  
 arrodet sanies et putria contrahet ossa.  
 proudus (hoc moneo) uiuentia sulphura tecum  
 et scillae caput et uirosa bitumina portes,  
**80** uulneribus laturus opem; nec Brutia desit  
 pix tibi: tu liquido picis unguine terga memento,  
 si sint rasa, linas. uiui quoque pondera melle  
 argenti coquito lentumque bitumen aheni,  
 impressurus oui tua nomina; nam tibi lites  
**85** auferet ingentes lectus possessor in armo.  
 nunc etiam, dum siccus ager, dum feruida tellus,  
 dum rimosus palus et multo torrida limo  
 aestuat et fragiles nimium sol puluerat herbas,  
 lurida conueniet succendere galbana septis  
**90** et tua ceruino lustrare mapalia fumo.  
 obfuit ille malis odor anguibus: ipse uidebis  
 serpentum cecidisse minas: non stringere dentes  
 ulla potest uncus, sed inani debilis ore  
 marcet et obtuso iacet exarmata ueneno.  
**95** nunc age uicinae circumspice tempora brumae  
 qua ratione geras. aperit cum uinea sepes  
 et portat lectas securus circitor uuas,  
 incipe falce nemus uiuasque recidere frondes.  
 nunc opus est teneras summatim stringere uirgas,  
**100** nunc hiemi seruare comas, dum permanet umor,

a ferro, a! o pus roerá o corpo infeliz pela úlcera  
 ligeira, e atrofiará imprestáveis ossos. Prudente  
 (aconselho isto), enxofres vivos contigo, a cabeça  
 da cebola-albarrã<sup>107</sup> e betumes fétidos carregues, pronto  
**80** a levar auxílio às feridas; e não te falte o pez brútio:<sup>108</sup>  
 tu, lembra, unta o dorso com o óleo fluido do piche,  
 se foram tosadas. Também pesos de prata ativa com mel  
 e betume viscoso cozinha em um caldeirão ao marcar  
 teus nomes na ovelha; com efeito, livra-te de enormes  
**85** litígios o nome do dono lido na espádua.  
 Ainda agora, enquanto o campo seco, enquanto a terra cálida,  
 enquanto o pântano se fende – tórrido com muito limo,  
 ele se abrasa –, e o sol, excessivamente, pulveriza as frágeis  
 ervas, convirá queimar pálidos gálbanos nos redis  
**90** e purificar tuas choças<sup>109</sup> com a fumaça cervídea.<sup>110</sup>  
 Aquele odor foi prejudicial às más serpentes: tu próprio verás  
 cessar a ameaça das cobras: nenhuma pode cerrar os curvos  
 dentes: mas frágil, com boca vazia, abate-se  
 e jaz desarmada, embotando-se o veneno.  
**95** Agora vai, examina como lidar com os tempos do inverno  
 iminente. Quando o vinhedo abre as cercas e o vigia,  
 em segurança, carrega as uvas colhidas,  
 começa a podar com foice o bosque e as vivas folhagens.  
 Agora é preciso cortar de leve os tenros ramos,  
**100** agora conservar folhas para o inverno, enquanto se mantém

<sup>107</sup> Os enxofres vivos, bem como a cebola-albarrã, eram usados para fins medicinais. O betume era especialmente usado contra doenças de pele (CALPURNIUS SICULUS. *Bucólicas*, p. 115-116).

<sup>108</sup> O pez brútio servia como uma espécie de “pasta depilatória”, útil para a tosa (CALPURNIUS SICULUS. *Bucólicas*, p. 116).

<sup>109</sup> Casebres, pequenas casas rústicas.

<sup>110</sup> O cheiro e a fumaça do chifre de veado teriam uma ação profilática, depois de sujeito à combustão do fogo, na luta contra as cobras e outros répteis (CALPURNIUS SICULUS. *Bucólicas*, p. 130).

*dum uiret et tremulas non excutit Africus umbras.  
 has tibi conueniet tepidis fenilibus olim  
 promere, cum pecudes extremus clauserit annus.  
 Hac tibi nitendum est, labor hic in tempore noster,*  
**105** *gnauaque sedulitas redit et pastoria uirtus.  
 ne pigeat ramos siccis miscere recentes  
 et sucos adhibere nouos, ne torrida nimbis  
 instet hiemps nimioque gelu niibusque coactis  
 incursare uetet nemus et constringere frondes;*  
**110** *tu tamen aut leues hederas aut molle salictum  
 ualle premes media. sitis est pensanda tuorum,  
 Canthe, gregum uiridante cibo: nihil aridus illis,  
 ingenti positus quamuis strue, prosit aceruus,  
 uirgea si desint liquido turgentia suco*  
**115** *et quibus est aliquid plenae uitale medullae.  
 praecipue gelidum stipula cum fronde caduca  
 sterne solum, ne forte rigor penetrabile corpus  
 urat et interno uastet pecuaria morbo.  
 plura quidem meminisse uelim, nam plura supersunt.*  
**120** *sed iam sera dies cadit et iam sole fugato  
 frigidus aestiuas impellit Noctifer horas.”*

a seiva, enquanto tudo verdeja e o Áfrico<sup>111</sup> não derruba  
 trêmulas sombras. Essas folhas convirá a ti, um dia, retirar  
 de tépidos palheiros, quando o fim do ano guardar os rebanhos.  
 Nisso deves esforçar-te, isso é nosso trabalho a seu tempo.  
**105** Retorna o zelo ativo e o vigor pastoril.  
 Não hesites em misturar ramos frescos a secos e em juntar  
 novos sumos, para que um rigoroso inverno não ameace  
 com nuvens, nem, com gelo excessivo e neves acumuladas,  
 impeça que te lances ao bosque e prendas as folhagens;  
**110** Tu, porém, ou leves heras ou o salgueiro flexível apertarás  
 em meio ao vale. Deve ser compensada a sede, ó Canto,  
 de tuas greis com verde forragem: nada lhes serviria  
 um monte seco, embora arrumado em enorme pilha,  
 se faltassem varas que se encham de límpido sumo  
**115** e que têm algo de vital na túrgida medula.  
 Sobretudo, forra o gélido solo com hastes e folhas caducas,  
 para que acaso a geada não queime o corpo penetrável  
 e assole os rebanhos com um mal profundo.  
 Gostaria, é verdade, de lembrar-te de muitas outras coisas,  
**120** pois muitas ainda há. Mas já cai a noite e já, afastando o sol,  
 a fria Estrela da tarde<sup>112</sup> impele as horas estivais”.

<sup>111</sup> Vento do sudoeste, também chamado Ábrego (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 130).

<sup>112</sup> Traduzimos *Noctifer* como 'estrela da tarde'. "Esta denominação do planeta Vênus, enquanto estrela vespertina (normalmente chamada de "Héspero"), é paralela a *Lucifer*, estrela da manhã" (tradução de Luana Cerqueira para GRATIO et al. *Poesía latina pastoril, de caza y pesca*, p. 115).

## Bucólica VI

Baseada no idílio V de Teócrito e na écloga III de Virgílio<sup>113</sup>, esta bucólica de Calpúrnio Sículo estrutura-se sob a forma do canto amebeu. Ástilo e Lícidas, em um tom assaz irônico e mesmo agressivo, disputam um e outro pela defesa de dois pastores: Ástilo defende o talento poético de Álcon, Lícidas, a beleza do canto de Níctilo (v. 6-18). Mnasilo é então chamado para ser o árbitro do canto amebeu (v. 28-29). Assim, propõe-se que os pastores cantem seus amores. Aquele homenagearia a sua amada Pétale, este, Fílis (v. 75). Mas, ao começarem uma troca de insultos (v. 79-89), a contenda é interrompida pelo árbitro (v. 90), que, indignado, não mais quer ser o juiz. À chegada de Iolas e Mícon, Mnasilo sugere-os como árbitros (v. 92-93).

<sup>113</sup> CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 91.

## Astylus: Lycidas: Mnasyllus

- Astylus** *Serus ades, Lycida: modo Nyctilus et puer Alcon certauere sub his alterno carmine ramis iudice me, sed non sine pignore. Nyctilus haedos iuncta matre dedit; catulum dedit ille leaenae*
- 5 *iurauitque genus, sed sustulit omnia uictor.*  
**Lycidas** *Nyctilon ut cantu rudis exsuperauit Alcon, Astyle, credibile est, si uincat acanthida cornix, uocalem superet si dirus aedona bubo.*
- A** *non potiar Petale, qua nunc ego maceror una,*
- 10 *si magis aut docili calamorum Nyctilus arte aut cantu magis est quam uultu proximus illi.*  
**L** *iam non decipior: te iudice pallidus alter uenit et hirsuta spinosior hystrice barbam; candidus alter erat leuique decentior ouo*
- 15 *et ridens oculis crinemque simillimus auro, qui posset dici, si non cantaret, Apollo.*  
**A** *o Lycida, si quis tibi carminis usus inesset, tu quoque laudatum nosses Alcona probare.*  
**L** *uis igitur, quoniam nec nobis, improbe, par es, ipse tuos iudex calamos committere nostris? uis conferre manum? ueniat licet arbiter Alcon.*
- 20 **A** *uincere tu quemquam? uel te certamine quisquam dignetur, qui uix stillantes, aride, uoces rumpis et expellis male singultantia uerba?*
- 25 **L**  *fingas plura licet: nec enim potes, improbe, uera exprobare mihi, sicut tibi multa Lycotas. sed quid opus uana consumere tempora lite? ecce uenit Mnasyllus: erit (nisi forte recusas) arbiter inflatis non credulus, improbe, uerbis.*
- 30 **A** *malueram, fateor, uel praedamnatus abire*

## Ástilo: Lícidas: Mnasilo

- Ástilo** *Chegas tarde, Lícidas: há pouco Níctilo e o jovem Álcon disputaram sob estes ramos em canto alternado, sendo eu o juiz, mas não sem penhor. Níctilo deu cabritos com a mãe; aquele outro deu o filhote de uma leoa*
- 5 *e jurou ser de raça, mas tudo levou o vencedor.*  
**Lícidas** *Que o rude Álcon venceu Níctilo no canto, Ástilo, é crível se a gralha vencer o pintassilgo, se a sinistra coruja superar o harmonioso rouxinol.*
- A** *Que eu não tenha Pétale, por quem unicamente agora me aflijo, se Níctilo é próximo dele mais pela dócil arte da flauta de cana ou mais pelo canto do que pelo rosto.*
- 10 **L** *Já não me engano: sendo tu o juiz, um veio pálido e de barba mais espessa que o hirsuto porco-espinho; o outro era cândido e mais formoso que um ovo liso,*
- 15 *de olhos sorridentes e de cabelo bem semelhante ao ouro, tal que pudesse ser dito, se não cantasse, um Apolo.*  
**A** *Ó Lícidas, se alguma experiência no canto tivesses, também tu saberias estimar o elogiado Álcon.*  
**L** *Queres então, pois és desigual a nós, improbo, sendo tu próprio o juiz, opor tua flauta de cana à nossa? Queres competir? É lícito que venha Álcon como árbitro.*
- 20 **A** *Tu, vencer alguém? Ou alguém se dignaria a ti em um certame, a ti, que a custo gotas de sons tiras a seco e proferes mal palavras soluçantes?*
- 25 **L** *É lícito muito inventares: não me podes, improbo, insultar com verdades, como bem te fez Licotas. Mas por que é preciso consumir o tempo em vã disputa? Eis que vem Mnasilo: será (se acaso não recusas) um árbitro que não crê, improbo, em palavras arrogantes.*
- 30 **A** *Eu preferiria ir-me, confesso, até desprezado antes,*

quam tibi certanti partem committere uocis.  
 ne tamen hoc impune feras: en adspicis illum,  
 candida qui medius cubat inter lilia, ceruum?  
 quamuis hunc Petale mea diligat, accipe uictor.  
 35 scit frenos et ferre iugum sequiturque uocantem  
 credulus et mensae non improba porrigit ora.  
 adspicis, ut fruticat late caput utque sub ipsis  
 cornibus et tereti pendent redimicula collo?  
 adspicis, ut niueo frons irretita capistro  
 40 lucet et a dorso, quae totam circuit aluum,  
 alternat uitreas lateralis cingula bullas?  
 cornua subtiles ramosaque tempora molles  
 implicuere rosae rutiloque monilia torque  
 extrema ceruice natant, ubi pendulus apri  
 45 dens sedet et niuea distinguit pectora luna.  
 hunc, sicutque uides, pignus, Mnasyllae, paciscor  
 pendere, dum sciat hic se non sine pignore uinci.  
**L** terreri, Mnasyllae, suo me munere credit:  
 adspice, quam timeam! genus est, tu scitis, equarum  
 50 non uulgare mihi; quarum de sanguine ponam  
 uelocem Petason, qui gramina matre relicta  
 nunc primum teneris libauit dentibus: illi  
 terga sedent, micat acre caput, sine pondere ceruix,  
 pes leuis, adductum latus, excelsissima frons est,  
 55 et tornata breui substringitur ungula cornu,  
 ungula, qua uiridi sic exsultauit in aruo,  
 tangeret ut fragiles, sed non curuaret, aristas:  
 hunc dare, si uincar, siluestria numina iuro.  
**Mnasyllus** et uacat et uestros cantus audire iuuabit.  
 60 iudice me sane contendite, si libet: istic

a opor algo de minha voz a ti, em um certame.  
 Mas que isso não te saia impune! Então vês aquele cervo,  
 que repousa ali no meio, entre cândidos lírios?  
 Ainda que minha Pétale o ame, recebe-o se venceres.  
 35 Conhece os freios, sabe levar o jugo e segue dócil a quem  
 o chama, estende à mesa boca não esfomeada.  
 Vês como a cabeça cresce à larga e como, sob os próprios  
 chifres e o delicado colo, pendem os cordões?  
 Vês como a fronte, enleada com branca mordança,  
 40 reluz e, do dorso, rodeando ela todo o ventre,  
 uma cinta lateral alterna amuletos de vidro?  
 Rosas delicadas entrelaçaram os chifres e, suavemente,  
 as têmporas ramosas; colares de corrente rubra oscilam  
 da extremidade do colo, onde um dente de javali<sup>114</sup> está  
 45 pendente e adorna seu peito com branca meia-lua.  
 Esse penhor, assim como o vês, Mnasilo, prometo apostar;  
 saiba ele, então, que não é vencido sem penhor.  
**L** Ele crê, Mnasilo, que eu me intimide com seu penhor.  
 Vê como temo! Tenho, como sabes, nobre raça  
 50 de éguas; apostarei de seu sangue o veloz  
 Pétaso<sup>115</sup> que, deixando a mãe, só agora  
 provou as ervas com seus tenros dentes: tem  
 o dorso firme, mexe a cabeça vigorosa, o colo é sem peso,  
 a pata é leve, o flanco contraído, a fronte é nobilíssima;  
 55 e por estreito casco é envolvida a pata elegante,  
 a pata com a qual de tal modo saltou no verde campo  
 que tocasse as frágeis espigas sem curvá-las:  
 juro dá-lo, pelos deuses silvestres, se for vencido.  
**Mnasilo** Tenho tempo, e agradará ouvir vossos cantos.  
 60 Sendo eu o juiz, disputai sabiamente, se quereis: logo

<sup>114</sup> Os dentes de javali eram frequentemente utilizados como amuletos (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 131).

<sup>115</sup> Nome de cavalo que desde a Antiguidade é associado à ave pela rapidez de seu galope (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 132).



- protinus ecce torum fecere sub ilice Musae.*  
**A** *sed, ne uicini nobis sonus obstrepat amnis,  
gramina linquamus ripamque uolubilis undae.  
namque sub exeso raucum mihi pumice lymphae*  
**65** *respondent et obest arguti glarea riui.*  
**L** *si placet, antra magis uicinaque saxa petamus,  
saxa, quibus uiridis stillanti uellere muscus  
dependet scopulisque cauum sinuantibus arcum  
imminet exesa ueluti testudine concha.*  
**70** **M** *uenimus et tacito sonitum mutauimus antro:  
seu residere libet, dabit ecce sedilia tophus,  
ponere seu cubitum, melior uiret herba tapetis.  
nunc mihi seposita reddantur carmina lite;  
nam uicibus teneros malim cantetis amores:*  
**75** *Astyle, tu Petalen, Lycida, tu Phyllida lauda.*  
**L** *tu modo nos illis (iam nunc, Mnasyllae, precamur)  
auribus accipias, quibus hunc et Acanthida nuper  
diceris in silua iudex audisse Thalea.*  
**A** *non equidem possum, cum prouocet iste, tacere.*  
**80** *rumpor enim, Mnasyllae: nihil nisi iurgia quaerit.  
audiat aut dicat, quoniam cupit; hoc mihi certe  
dulce satis fuerit, Lycidam spectare trementem,  
dum te teste palam sua crimina pallidus audit.*  
**L** *me, puto, uicinus Stimicon, me proximus Aegon*  
**85** *hos inter frutices tacite risere uolentem*

- à frente, eis: as Musas fizeram um leito sob a azinheira.  
**A** Mas, para que não nos importune o som do rio vizinho, deixemos a relva e a margem da água corrente; pois, sob desgastada rocha, respondem-me roucamente as águas e opõe-se o cascalho do rio ruidoso.  
**65** **L** Se queres, antes busquemos as grutas e as rochas vizinhas, de que pende o verde musgo com velo gotejante, e onde uma abóboda, como de casco oco, põe-se sobre penedos que arredondam um arco côncavo.  
**70** **M** Viemos e trocamos o ruído por silenciosa gruta, quer agrade sentar-se (eis que dará assentos o tufo),<sup>116</sup> quer reclinar-se (melhor verdeja a erva que os tapetes). Agora, deixando a querela, sejam-me oferecidos vossos cantos; pois eu preferiria que cantásseis tenros amores em alternância: Ástilo, tu Pétales; Lícidas, tu Fílis<sup>117</sup> elogia.  
**75** **L** Apenas, acolhe-nos (já agora, Mnasilos, suplicamos) com os mesmos ouvidos com que dizem, há pouco, teres ouvido e julgado no bosque de Talia<sup>118</sup> a este e a Acantis.  
**A** Decerto não posso, quando ele provoca, calar-me.  
**80** Eu estouro, Mnasilos: nada mais que briga ele busca. Que ele ouça ou fale, já que o quer; isto decerto será para mim bastante agradável: observar Lícidas tremente, às claras e pálido ouvindo, diante de ti, os seus crimes.  
**L** De mim, julgo, o vizinho Estimicão, de mim o amigo Égon riram tacitamente entre estes arbustos, quando eu  
**85**

<sup>116</sup> Rocha de baixa densidade, facilmente desagregável; pode ser calcária ou vulcânica (HOUAISS. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 1891).

<sup>117</sup> Lembremos que, na écloga III, Lícidas tecera um canto amoroso a Fílis a fim de reconquistá-la.

<sup>118</sup> Talia é uma musa campestre. Segundo Beato Beato (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 132), é provável que a expressão "o bosque de Talia" se refira a um bosque verdejante e envolva o campo, e, por extensão, remeta à própria poesia pastoril.



*oscula cum tenero simulare uirilia Mopso.*

**A** *fortior o utinam nondum Mnasyllus adesset!  
efficerem, ne te quisquam tibi turpior esset.*

**90** **M** *quid furitis, quo uos insania tendere iussit?  
si uicibus certare placet – sed non ego uobis  
arbiter: hoc alius possit discernere iudex!  
et uenit ecce Micon, uenit et uicinus Iollas:  
litibus hi uestris poterunt imponere finem.*

queria imitar os beijos viris<sup>119</sup> com o tenro Mopso.

**A** Ó, aprouvera ainda não estar presente Mnasilo, mais forte! Eu faria com que ninguém fosse mais torpe que tu!

**90** **M** Por que vos enfureceis? Aonde vos fez seguir a insânia? Se agrada disputar em alternância – mas eu mesmo não serei vosso árbitro –, isso outro juiz poderia decidir! E eis que vem Mícon, vem também o vizinho Iolas: poderão impor um fim às vossas disputas.

<sup>119</sup> Dentre os insultos trocados entre Lícidas e Ástilo, nota-se uma acentuada ironia nessa passagem, em que Ástilo é tratado maldosamente de “afeminado”, capaz somente de imitar um comportamento viril, nesse caso em particular, em um contexto homoerótico (CALPURNIUS SICULUS. *Bucoliques*, p. 118).

## Bucólica VII

Esta écloga se estrutura sob a forma de um longo monólogo da personagem de Córidon (v. 23-72), após breve diálogo entre ele e o pastor Licotas, que lhe indaga o motivo de tamanho atraso. Córidon explica que estivera na cidade, no anfiteatro romano, descrito quanto à organização de assentos e à arquitetura (v. 23-34); e, nos v. 57-72, o pastor descreve o espetáculo e os animais que dele fazem parte.

Ao final, divisa a figura do imperador, julgando-a semelhante à imagem dos deuses Marte e Apolo (v. 82-84).

## LYCOTAS: CORYDON

**Lycotas** *Lentus ab urbe uenis, Corydon; uicesima certe nox fuit, ut nostrae cupiunt te cernere siluae, ut tua maerentes exspectant iubila tauri.*

**Corydon** *o piger, o duro non mollior axe, Lycota, qui ueteres fagos noua quam spectacula mauis cernere, quae patula iuuenis deus edit harena.*

**L** *mirabar, quae tanta foret tibi causa morandi, cur tua cessaret taciturnis fistula siluis et solus Stimicon caneret pallente corymbo:*

**10** *quem sine te maestis tenero donauimus haedo. nam, dum lentus abes, lustrauit ouilia Thyrsis, iussit et arguta iuuenes certare cicuta.*

**C** *sit licet inuictus Stimicon et praemia diues auferat, accepto nec solum gaudeat haedo, uerum tota ferat quae lustrat ouilia Thyrsis: non tamen aequabit mea gaudia; nec mihi, si quis omnia Lucanae donet pecuaria siluae, grata magis fuerint quam quae spectauimus urbe.*

**L** *dic age dic, Corydon, nec nostras inuidus aures despice: non aliter certe mihi dulce loquere*

## LICOTAS: CÓRIDON

**Licotas** *Tarde da cidade vens, Córidon. Decerto há vinte noites que nossos bosques desejam ver-te, que esperam os chorosos touros<sup>120</sup> tuas alegrias.*

**Córidon** *Ó preguiçoso, ó não mais flexível que o duro eixo, Licotas, que preferes divisar velhas faias aos novos espetáculos que o jovem deus<sup>121</sup> apresentou na vasta arena.<sup>122</sup>*

**L** *Perguntava-me admirado qual era para ti tamanha causa de demora, por que tua flauta cessava nos bosques taciturnos e apenas Estimicão cantava coberto por pálidos cachos de hera:*

**10** *para ele, tristes sem ti, demos um tenro cabrito, tardando tu distante, Tírsis purificou os redís<sup>123</sup> e ordenou aos jovens disputarem com gaita melodiosa.*

**C** *Que seja Estimicão invicto e, rico, ganhe ele prêmios, não se alegre apenas com o cabrito que ganhou, mas, com efeito, leve todas as ovelhas que Tírsis purifica: contudo, não igualará minhas alegrias; nem a mim, se alguém desse todos os rebanhos do bosque da Lucânia,<sup>124</sup> mais agradáveis seriam do que o visto na cidade.*

**L** *Dize, vai, dize-me, Córidon, nem desprezes, hostil, nossos ouvidos: para mim, decerto, falarás com doçura, precisamente*

<sup>120</sup> Observamos aqui uma antropomorfização dos animais, como ocorre nas *Geórgicas*, de Virgílio, especialmente no livro III.

<sup>121</sup> A expressão “jovem deus” já havia aparecido na égloga IV, de Calpúrnio. E como dissemos anteriormente, trata-se do imperador Nero (séc. I d.C.), que de fato começou a reinar muito jovem. Nesse mesmo passo estão Rebello (O engajamento político-social na poesia bucólica de Virgílio, Calpúrnio e Nemesiano, p. 2460) e Beato (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 22).

<sup>122</sup> “Trata-se do anfiteatro de madeira ordenado construir por Nero, no ano 57 d.C.” (tradução de Luana Cerqueira para GRATIO *et al. Poesía latina pastoril, de caza y pesca*, p. 121). “e de um dos jogos nele celebrados”. “Suetônio, *Nero XI*, recorda-se da grande quantidade e variedade de espetáculos oferecidos pelo imperador” (tradução de Luana Cerqueira para GRATIO *et al. Poesía latina pastoril, de caza y pesca*, p. 121).

<sup>123</sup> Purificam-se os redís em ocasião das Parílias (cf. égloga II, nota 47).

<sup>124</sup> “A Lucânia era uma região da Itália particularmente próspera devido à sua criação e exportação de gado, sobretudo bovino. Daqui que a ela acorressem, no verão e à procura de pasto, inúmeros rebanhos provenientes da vizinha Calábria, como nos refere Horácio” (HORÁCIO. *Epodos I*, 27-28 em citação de CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 134.).

- quam cantare soles, quotiens ad sacra uocatur  
aut fecunda Pales aut pastoralis Apollo.*
- C**uidimus in caelum trabibus spectacula textis  
surgere, Tarpeium prope despectantia culmen;
- 25** emensique gradus et cliuos lene iacentes  
uenimus ad sedes, ubi pulla sordida ueste  
inter femineas spectabat turba cathedras.  
nam quaecumque patent sub aperto libera caelo,  
aut eques aut niuei loca densauere tribuni.
- 30** qualiter haec patulum concedit uallis in orbem  
et sinuata latus resupinis undique siluis  
inter continuos curuatur concaua montes:  
sic ibi planitiem curuae sinus ambit harenae  
et geminis medium se molibus alligat ouum.
- 35** quid tibi nunc referam, quae uix suffecimus ipsi  
per partes spectare suas? sic undique fulgor  
percussit. stabam defixus et ore patenti  
cunctaque mirabar necdum bona singula noram,  
cum mihi iam senior, lateri qui forte sinistro
- 40** iunctus erat, "quid te stupefactum, rustice," dixit

como costumamos cantar sempre que se invocamos aos ritos  
a fecunda Pales ou o pastoril Apolo.<sup>125</sup>

- C** Vimos teatros erguerem-se ao céu com traves entrelaçadas,  
quase olhando de cima o cume Tarpeio;<sup>126</sup> percorrendo
- 25** os degraus e rampas suavemente inclinadas<sup>127</sup>, chegamos  
aos assentos, onde a baixa turba, de veste escura,<sup>128</sup> assistia  
entre as cadeiras das mulheres.  
Com efeito, quaisquer lugares a céu aberto que estivessem  
livres, aí a cavalaria ou brancos<sup>129</sup> tribunos se apinharam.
- 30** Tal como este vale se expande em vasto círculo e, curvando-se  
de flanco com bosques sobrepostos em toda  
parte, dobra-se côncavo entre montes sem fim,  
ali a volta da arena circular rodeia a planície e a parte  
oval do meio se une através de dois colossos.<sup>130</sup>
- 35** Por que te falaria agora do que mal pudemos, nós mesmos,  
observar em seus detalhes? De tal modo em toda parte  
impactou o brilho. Eu estava imóvel e, boquiaberto, admirava  
tudo, ainda não conhecia cada atração,  
quando me disse alguém mais velho, que acaso se detinha
- 40** à minha esquerda: "Por que te admiras de tua estupefação,

<sup>125</sup> O caráter pastoril de Apolo se deve ao fato de possuir um rebanho de vacas, que roubou de Mercúrio (deus mensageiro, do lucro e do comércio – Hermes, na mitologia grega); igualmente, em duas ocasiões, por castigo de Júpiter, viu-se obrigado a trabalhar como pastor para os mortais Laomedonte (rei de Troia) e Admeto (rei de Feras). O deus do Sol também se vincula ao instrumento pastoril, a flauta, inventada por Mercúrio, que a trocou com Apolo pelo seu cajado de ouro, usado por esse para guardar rebanhos (Gratio et al. *Poesía latina pastoril, de caza y pesca*, p. 122).

<sup>126</sup> "Segundo Suetônio e Tácito, o anfiteatro de madeira foi construído no Campo de Marte, que se estende entre o Capitólio e o Tibre" (tradução de Luana Cerqueira para GRATIO et al. *Poesía latina pastoril, de caza y pesca*, p. 122).

<sup>127</sup> "O anfiteatro possuía uma série de corredores em forma de rampa ou escadaria dispostos, uns numa linha perpendicular, outros numa linha horizontal e 'concêntricos à arena', com a finalidade de facilitar o acesso aos respectivos lugares" (GRATIO et al. *Poesía latina pastoril, de caza y pesca*, p. 123 em citação de CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 134-135.).

<sup>128</sup> Entre os v. 26-28, notar descrição da distribuição das pessoas no anfiteatro romano, dividido em três partes ou *caueas*: a *ima*, parte inferior e mais próxima da arena, destinada aos senadores e cavaleiros; a *media*, parte reservada aos homens que não usavam vestes escuras, situada entre a *ima cauea* e a *summa*, mais superior e afastada da arena, ocupada pelos homens que usassem vestes escuras e pelas mulheres. "Córdon, envergando roupa escura, vê-se forçado a presenciar o espetáculo da parte mais distante da arena, a *summa cauea*" (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 135).

<sup>129</sup> Aqui chamados de *brancos* devido à indumentária que vestiam, isto é, a toga branca, veste tradicional romana.

<sup>130</sup> Nos v. 30-34, Córdon descreve a imensa curva do anfiteatro, cuja forma ovalada resulta da união das arquibancadas de dois teatros, o que explicaria a etimologia da palavra (GRATIO et al. *Poesía latina pastoril, de caza y pesca*, p. 123, onde se cita PLÍNIO, *Hist. Nat.* XXXVI, 117). O pastor compara essa construção, maravilhosa aos seus olhos, à garganta de um vale, em v. 30-33.

"ad tantas miraris opes, qui nescius auri  
 sordida tecta, casas et sola mapalia nosti?  
 en ego iam tremulus iam uertice canus et ista  
 factus in urbe senex stupeo tamen omnia: certe  
**45** uilia sunt nobis, quaecumque prioribus annis  
 uidimus, et sordet quicquid spectauimus olim."  
 balteus en gemmis, en illita porticus auro  
 certatim radiant; nec non, ubi finis harenae  
 proxima marmoreo praebet spectacula muro,  
**50** sternitur adiunctis ebur admirabile truncis  
 et coit in rotulum, tereti qui lubricus axe  
 impositos subita uertigine falleret unguis  
 excuteretque feras. auro quoque torta refulgent  
 retia, quae totis in harenam dentibus exstant,  
**55** dentibus aequatis; et erat (mihi crede, Lycota,  
 si qua fides) nostro dens longior omnis aratro.  
 ordine quid referam? uidi genus omne ferarum,  
 hic niueos lepores et non sine cornibus apros,  
 hic raram siluis etiam, quibus editur, alcen.  
**60** uidimus et tauros, quibus aut ceruice leuata  
 deformis scapulis torus eminent aut quibus hirtae  
 iactantur per colla iubae, quibus aspera mento  
 barba iacet tremulisque rigent palearia setis.  
 nec solum nobis siluestria cernere monstra  
**65** contigit: aequoreos ego cum certantibus ursis

ó rústico, diante de tamanhas riquezas, tu que, ignorante  
 do ouro, como pobres moradas conheces apenas casebres  
 e cabanas? Eis que eu – já tremulo, já de cabeça branca  
 e que envelheci nesta cidade – me espanto, porém,  
**45** com tudo: decerto temos como vil o que quer que vimos  
 em precedentes anos e desagrada o que quer que observamos  
 outrora". Eis que o parapeito com gemas, eis que o pórtico<sup>131</sup>  
 recoberto de ouro reluzem à porfia; ainda, onde o fim da arena  
 mostra os assentos próximos ao muro  
**50** marmóreo, belo marfim incrusta vigas unidas e se junta  
 a um cilindro<sup>132</sup> que, escorregadio, com arredondado eixo  
 despistaria, girando de repente, o ataque das unhas  
 e as feras afastaria. Também brilham as redes urdidas  
 com ouro que aparecem na arena por dentes sólidos,  
**55** por dentes iguais; e (crede-me Licotas, se em mim tens confiança)  
 era cada dente mais longo que nosso arado.  
 Por que contar na ordem? Vi todo tipo animal, aqui  
 lebres brancas e javalis de chifres. Ali, um alce  
 raro mesmo nos bosques em que se gera.  
**60** Vimos também touros que ou têm alta a cerviz, de feia  
 saliência a erguer-se das costas, ou crinas arrepiadas  
 que se lançam pelo colo, de barba áspera se assentando  
 no queixo e de papadas duras com cerdas trêmulas.<sup>133</sup>  
 Não nos tocou apenas ver monstros dos bosques:  
**65** eu mesmo observei vitelos marinhos<sup>134</sup> com ursos

<sup>131</sup> Parte do anfiteatro, situada na *summa cauea*, destinada às pessoas mais pobres. O pórtico estava munido de colunas, cuja função era sustentar o teto (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 136).

<sup>132</sup> Entre a arena e os assentos inferiores, havia um muro de mármore, em frente ao qual cilindros giratórios impediam que as feras subissem em direção aos espectadores mais próximos (PUBLILIUS SYRUS *et al.* *Minor Latin Poets*, p. 283).

<sup>133</sup> Possível referência a uros ou bisontes europeus (GRATIO *et al.* *Poesía latina pastoril, de caza y pesca*, p. 125).

<sup>134</sup> Provavelmente focas, segundo Beato (CALPÚRNIO SÍCULO. *Bucólicas*, p. 136).

*spectauit uitulos et equorum nomine dictum,  
 sed deforme pecus, quod in illo nascitur amne  
 qui sata riparum uernantibus irrigat undis.  
 a! trepidi, quotiens sola discedentis harenae  
 uidimus inuerti, ruptaque uoragine terrae  
 emersisse feras; et in isdem saepe cauernis  
 aurea cum subito creuerunt arbuta nimbo.*  
**L** o felix Corydon, quem non tremebunda senectus  
 impedit! o felix, quod in haec tibi saecula primos  
 indulgente deo demittere contigit annos!  
 nunc, tibi si propius uenerandum cernere numen  
 fors dedit et praesens uultumque habitumque notasti,  
 dic age dic, Corydon, quae sit mihi forma deorum.  
**C** o utinam nobis non rustica uestis inesset:  
 uidissem propius mea numina! sed mihi sordes  
 pullaque paupertas et adunco fibula morsu  
 obfuerunt. utcumque tamen conspeximus ipsum  
 longius; ac, nisi me uisus decepit, in uno  
 et Martis uultus et Apollinis esse putauit.

que lutavam e aquilo chamado pelo nome dos “cavalos”,<sup>135</sup>  
 sendo feia manada, nascida naquele rio<sup>136</sup> que banha  
 as plantações das margens com águas renovadas.  
 Ah! Quantas vezes, trêmulos, vimos virar-se em fendas  
 o chão da arena, e saírem feras da rachada voragem  
 da terra; e nas mesmas cavernas amiúde cresceram  
 áureos medronheiros com uma súbita chuva.<sup>137</sup>  
**L** Ó Córídon feliz, que trememente velhice não impede!  
 Ó feliz, pois nesta Era aconteceu-te consumir  
 os primeiros anos por permissão divina!  
 Agora, se a fortuna concedeu-te mais de perto ver o nobre  
 deus e pessoalmente lhe observaste o vulto e a aparência,  
 dize, vai, dize-me, Córídon, quais são os traços divinos.  
**C** Ó, aprouvera que não me recobrisse rústica veste:  
 teria visto mais de perto o meu deus! Mas impediram-me  
 a sujeira, a negra pobreza e o broche de fecho recurvado.  
 De todo modo, porém, divisamos a ele próprio  
 mais de longe e, se não me enganou a visão, em um só julguei  
 haver o vulto de Marte e o de Apolo.<sup>138</sup>

<sup>135</sup> Referência ao hipopótamo ou “cavalo do rio”, como atestam as raízes gregas da palavra (PUBLILIUS SYRUS *et al.* *Minor Latin Poets*, p. 283).

<sup>136</sup> Rio Nilo, sendo que “o camponês não tem conhecimento o suficiente para nomear o Nilo” (tradução de Luana Cerqueira para PUBLILIUS SYRUS *et al.* *Minor Latin Poets*, p. 283).

<sup>137</sup> Os espectadores, de tempos em tempos, seriam refrescados por jatos de água com açafraão, provenientes do jardim artificialmente concebido no anfiteatro (PUBLILIUS SYRUS *et al.* *Minor Latin Poets*, p. 285).

<sup>138</sup> Nero é descrito nesse trecho como semelhante aos deuses Marte e Apolo. Lembramos de que na écloga IV já havia sido estabelecida uma associação entre o deus do Sol e Nero, por aquele ser o seu preferido entre os deuses. O próprio Nero tinha o epíteto de Apolo. Na verdade, parece-nos que esse elo entre o deus da música e os imperadores de Roma, de um modo geral, deve-se ao fato de que ele era o protetor mítico dos ancestrais da cidade e de seu povo. Como lemos já na *Iliada* de Homero (canto V, 344), durante a guerra de Troia, Apolo tomara o partido dos troianos protegendo Eneias, herói do qual, segundo o mito, descendia o povo romano.

## Referências

- BAETIS. In: SARAIVA, Francisco Rodrigues do Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 12. ed. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006. p. 137.
- BAILEY, Greg *et al.* *Mitologia: mitos e lendas de todo o mundo*. Tradução e adaptação da editora BookBug. Sintra: BookBug, 2011.
- BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CALPÚRNIO SÍCULO, Tito. *Bucólicas*. Tradução, introdução e notas: João Beato. Lisboa: Verbo, 1996.
- CALPURNIUS SICULUS, Titus; PSEUDO-CALPURNIUS. *Bucoliques; Éloge de Pison*. Tradução de Jacqueline Amat. Paris: Les Belles Lettres, 1991. (Collection des Universités de France).
- CARDOSO, Zelia de Almeida. *A Literatura latina*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CARVALHO, Raimundo. "Bucólicas" de Virgílio: uma constelação de traduções. In: VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução e comentário por Raimundo Carvalho. Belo Horizonte: Tessitura/Crisálida, 2005. p. 103-206.
- CERQUEIRA, Luana Santana Lins. A Idade de Ouro na égloga IV de Virgílio e IV de Calpúrnio Sículo. In: SEMANA DE EVENTOS DA FALE, 12, 2015, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2016. p. 587-597.
- CERQUEIRA, Luana Santana Lins. Uma abordagem retórico-comparativa da bucólica II de Virgílio e da bucólica III de Calpúrnio Sículo. *Revele: revista dos estudantes de Letras*, Belo Horizonte, v. 9, p. 140-157, out. 2015.
- CODOÑER, Carmen. (Org.). *Historia de la literatura latina*. Madrid: Cátedra, 2007.
- ESCOBEDO, Juan Carlos. *Diccionario enciclopédico de la mitología*. Barcelona: Editorial de Vecchi, 1985.
- FASCES. In: SARAIVA, Francisco Rodrigues do Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006. p. 474.
- FORUM. In: SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006. p. 501.
- GAILLARD, Jacques; MARTIN, René. *Les genres littéraires à Rome*. 3. ed. Paris: Nathan/Scodel, 1993.
- GIESTA. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicio-*



*nário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 813.

GILBARBEIRA. In: PLANTAS que curam, não paginado. Disponível em: <<http://goo.gl/iERdqj>>. Acesso em 07 jun. 2017.

GRATIO *et al.* *Poesía latina pastoril, de caza y pesca*. Introducción, traducciones y notas de José Antonio Correa Rodríguez. Madrid: Gredos, 1984.

LORENZI, Harri. *Plantas para jardim no Brasil*: herbáceas, arbustivas e trepadeiras. Nova Odesa: Instituto Plantarum, 2013.

MEDRONHO. In: PLANTAR Portugal. Disponível em: <<http://goo.gl/nc0gty>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

PARILIA. In: SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006. p. 836.

PRIETO, Maria Helena Ureña. *Dicionário de literatura grega*. Lisboa: Verbo, 2001.

REBELLO, Ivone da Silva. Calpúrnio Sículo e suas bucólicas I, IV e VII: uma visão política do império neroniano. *Cadernos do CNFL*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 4, tomo 3, p. 2460-2470, 2010.

REBELLO, Ivone da Silva. O engajamento político-social na poesia bucólica de Virgílio, Calpúrnio e Nemesiano. *Soletas*, São Gonçalo, ano IV, n. 7, p. 70-85, jan./jun. 2004.

SYRUS, Publilius *et al.* *Minor Latin Poets*. Tradução de John Wight Duff e Arnold Mackay Duff. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann LTD, 1982. v. 1. (Loeb Classical Library).

TUFO. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 1891.

TREMOÇO. TUDO sobre plantas. Disponível em: <<http://goo.gl/kL1ThD>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

TROCHAEUS. In: SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006. p. 213.

VIMEN. In: SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006. p. 1277.

VIRGILE. *Bucoliques*. Texte établi et traduction de Eugène de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 2002. (Collection des Universités de France).

## **Edições Viva Voz de interesse para a área de Tradução:**

### **Oficina de tradução do francês:**

#### **traduzindo notícias**

Maria Lúcia Jacob D. Barros (Org.)

### **Oficina de tradução do francês:**

#### **traduzindo quadrinhos**

Maria Lúcia Jacob D. Barros (Org.)

### **Poesia traduzida**

Sônia Queiroz (Org.)

Os Cadernos Viva Voz estão disponíveis também em versão eletrônica no *site*: [www.letras.ufmg/vivavoz](http://www.letras.ufmg/vivavoz)



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de edição.